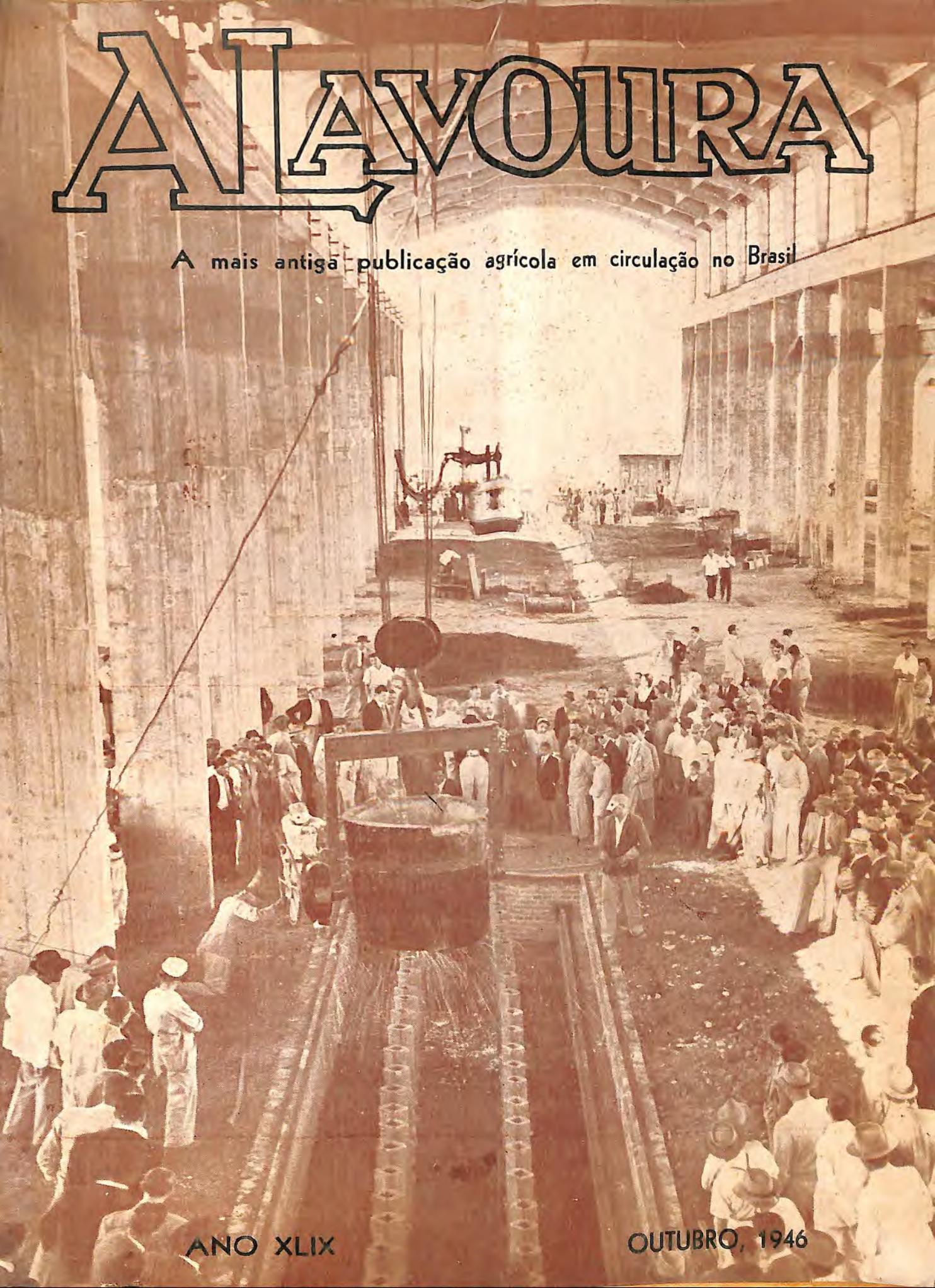


# A LAVOURA

A mais antiga publicação agrícola em circulação no Brasil



ANO XLIX

OUTUBRO, 1946

# HORTO FRUTICOLA DA PENHA

## PLANTAS FRUTIFERAS E ORNAMENTAIS

- Mudas e enxertos de plantas frutíferas, próprias ao clima do Distrito Federal;
- Ótimos exemplares de plantas ornamentais;
- Laranjeiras e mangueiras = diversas variedades;

## Abatimentos aos sócios da Sociedade Nacional de Agricultura

Pedidos de Informações: S. N. AGRICULTURA

Avenida Franklin Roosevelt n 115 - 6.º andar

Tel. 42-2981, C. P. 1.245, End. Tel. "Agricultura .Rio"

Rio de Janeiro

## Comemoração do Cincoentenário da SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Em reunião de 1.º de agosto deste ano, foi aprovado o seguinte programa, com que a Diretoria comemorará a passagem, a 16 de janeiro do ano próximo, do 50.º aniversário de fundação da Sociedade Nacional de Agricultura :

- 1) — publicação de um número especial da "A Lavoura";
- 2) — organização e publicação de um índice por autores e por assuntos da "A Lavoura", nos seus 50 anos de existência;
- 3) — cunhagem de u'a medalha comemorativa;
- 4) — lançamento da pedra fundamental da "Casa da Agricultura", séde da instituição;
- 5) — romaria aos túmulos dos presidentes falecidos;
- 6) — sessão solene, a 16 de janeiro de 1947.



Belo lote de novilhos Indubrasil, de 24 a 30 meses. Fazenda Boa Esperança, de propriedade do sr. Nicomedes Alves dos Santos, adiantado criador em Uberlândia, Minas Gerais.

## SUMARIO

	<i>Pag.</i>
Aproveitemos a lição (Redação) .....	3
Nossa Capa .....	4
Os zebús mineiros no México .....	5
Máquinas agrícolas utilizadas no preparo do solo (Arthur Torres Filho).....	6
Uma indústria necessária .....	19
Notas práticas sobre a cultura da jaboticabeira (Geraldo Goulart da Silveira).....	23
Couros .....	26
Consultas e informações .....	30
Desertos os campos (Fabio Luz Filho) .....	31
Proibida a exportação de gêneros de primeira necessidade, couros e madeiras.....	33
Universidade Rural .....	34
O Pensamento da Lavoura na Comissão Central de Preços.....	35
Escola de Sorticultura Wenceslão Bello .....	36
Exportação de Zebús. Fundada uma sociedade comercial com esse fim.....	38
Cooperativa de Cotia .....	39
Noticiário .....	44

# Sociedade Nacional de Agricultura

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

Reconhecida de utilidade pública pela lei n. 3549, de 18 de Outubro de 1918



Presidente perpetuo

**Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida**

## DIRETORIA GERAL

<i>Presidente</i>	— Arthur Torres Filho
1.º <i>Vice-Presidente</i>	— Luiz Simões Lopes
2.º " "	— Edgard Teixeira Leite
3.º " "	— Mario de Oliveira
1.º <i>Secretário</i>	— A. de Arruda Camara
2.º " "	— Adamastor Lima
3.º " "	— Eurico Santos
4.º " "	— Cinéas de F. Guimarães
1.º <i>Tesoureiro</i> ..	— Kurt Repsold
2.º " "	— Domingos de Faria

## DIRETORIA TÉCNICA

Fabio Furtado Luz
Franklin de Almeida
Frederico Murtinho Braga
Hilário Luiz Leitão
Joaquim Bertino de Moraes Carvalho
José Sampaio Fernandes
Luiz de Oliveira Mendes
Luiz Gonçalves Vieira
Otto Frensel
Virginio Werneck Campello

## CONSELHO SUPERIOR

Alberto Ravache  
Altino de Azevedo Sodré  
Alvaro Simões Lopes  
Antonio Barreto  
Antonio F. Magarinos Torres  
Antonio José Alves de Souza  
Apolonio Sales  
Ben-Hur Ferreira Raposo  
Carlos de Souza Duarte  
Dioclecio Duarte  
Diogenes Caldas  
Euvaldo Lodi  
Eduardo Duvivier  
Francisco Saturnino de Brito Filho  
Gastão de Faria  
Guilherme Weinschenck  
Honorio da Costa Monteiro Filho  
Humberto Bruno  
Itagiba Barçante

Ismael Cordovil  
Jeronymo Antonio Coimbra  
João Mauricio de Medeiros  
José Augusto Bezerra de Medeiros  
José Monteiro Ribeiro Junqueira  
José Solano Carneiro da Cunha  
João Tjader  
Julio Vieira de Almeida  
Landulpho Alves de Almeida  
Mario Augusto Teixeira Freitas,  
Mario Vilhena  
Napoleão de Alencastro Guimarães  
Newton de Castro Beleza  
Paulo Parreiras Horta  
Pedro Calmon Moniz de Bittencourt  
Rubens Farrula  
Ruy Carneiro  
Sebastião Herculano de Mattos

# A LAVOURA

ORGAM OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

ANO XLIX

Outubro de 1946

## Aproveitemos a lição

A crise do pão, em que nos debatemos, comprova duas grandes verdades: a primeira, que nos encontramos numa perigosa dependência em assunto que diz respeito à fome do povo; a segunda, que em matéria econômica existem apenas interesses.

Daí, a conclusão de que só a nós cabe, como um dever impostergável, solucionar o nosso caso, valendo-nos de todos os recursos — e o quanto antes.

Pelas colunas desta revista, temos advogado há longos anos uma ação vigorosa e metódica visando o incremento da cultura do trigo e, enquanto esta não alcança a produção necessária ao abastecimento interno, a utilização de farinhas panificáveis nacionais, com o que, de pronto, evitaríamos uma apreciável evasão de ouro, necessário ao fortalecimento da nossa balança comercial. O mesmo fizemos em relação ao álcool-motor.

Com verdadeira satisfação patriótica, assistíamos ao coroamento dessa campanha: de um lado, animava-se a cultura do nobre cereal, de tal forma que chegáramos a acreditar que, mais uma década, e estaríamos aptos ao auto-abastecimento; do outro lado, a criação de uma indústria de farinhas panificáveis, aperfeiçoando-se dia a dia, a qual, em menos de cinco anos, alcançava desenvolvimento capaz de economizar cerca de 500 milhões na importação do grão.

Enquanto isso, opera-se inexplicável reviravolta em tão sadia orientação. A obrigatoriedade da mistura, que alimentava o crescimento da dita indústria, é abolida, ficando o nosso mercado interno à mercê exclusivamente do trigo importado. Desmantelada a nossa indústria de farinhas, vem a fome mundial do trigo, que encarece. Que encarece e falta. Tomam-se providências para o remedeio momentâneo da aflitiva situação. Mas os nossos navios ficam parados nos portos amigos à espera de uma quota problemática de trigo que vem, que não vem... Que talvez venha se, em câmbio, mandarmos goma e tecidos!

Acreditamos possível desenvolver no Brasil uma grande cultura tritícola. Tecnicamente e historicamente, o trigo pôde ser produzido em larga escala em muitos pontos do país. Principalmente no Sul.

Em 1907, na sua mensagem ao congresso estadual, refere o então governador Borges de Medeiros, tratando da importância dessa cultura, que “a prodigiosa uberdade do sólo riograndense devia necessariamente atrair a atenção dos primeiros povoadores oriundos, em sua maioria, das ilhas dos Açores. Era então o trigo a principal cultura e tão opulenta a sua produção, na razão de 80 por alqueire, que excedia as necessidades do Brasil, alimentando ainda o comércio com Portugal e outros países. Em 1815 — continua — a produção atingiu ao máximo de 288.447 alqueires de trigo em grão e 14.849 arrobas de farinha. Daí em diante, porém, sobreveiu o declínio da cultura, perseguidas as searas pela devastadora praga da “ferrugem”. E assim definhava, até que em 1835, foi de todo abandonada...”

Há o receio de alguns de que, para nos lançarmos a uma grande cultura

de trigo, teríamos de sacrificar outras atividades, não menos necessárias, pelo consequente desvio da mão de obra. Sem falar na mecanocultura, que nos Estados Unidos opera milagres, devemos lembrar-nos de que desmentem essa dúvida exemplos bem próximos, em que países muito menos populosos se entregam com determinação — olhando, porém, sómente, a própria conveniência — a culturas novas e as intensificam até o auto-abastecimento, ou quase isso, passando repentinamente de importadores a grandes produtores. O mate, o algodão, o fumo, o açúcar, quem sabe, a borracha...

Por que, pois, ficarmos a esperar?

Não somos dos que se insurgem contra um país que eleva, repentinamente, o preço de um gênero urgentemente reclamado por outro, embora vizinho e amigo, de 9 para 35 pesos o quintal. Entendemos que sómente a ele cabe fixar o preço do seu produto, obtendo o maior lucro possível nas suas exportações. Caso contrário, estaria prejudicando os seus produtores, a sua economia.

Coerentemente, achamos que deveria caber à outra parte o direito, e principalmente o dever, de tudo envidar para livrar-se de tão incômoda situação. Se precisamos de trigo, e o podemos plantar e colher, porque não o fazemos desde logo? Ponhamos em prática o nosso brio nacional, a nossa capacidade de improvisação que, diga-se de passagem, nunca nos faltou em momentos graves — e resolvamos de vez o assunto!

Volvamos imediatamente às nossas farinhas panificáveis e plantemos trigo.

Aproveitemos a lição que, mais do que isso, é uma oportunidade. Uma oportunidade para demonstrar que somos um povo digno e capaz.

## N O S S A C A P A

Ilustramos a nossa capa com um aspéto que deve ser grato aos nossos meios agrícolas. Trata-se do interior de um dos grandes pavilhões da "Indústria Metalúrgica N. S. Aparecida" S. A., com séde em Sorocaba, Estado de São Paulo. No momento, a ponte rolante sustém um grande depósito, do qual escorre aço líquido, que encherá as fôrmas de lingotes, que serão mais tarde transformados em ferramentas e utensílios de todos os tipos, empregados na agricultura.

A simples visão desse pormenor nos dá uma impressão do vulto do empreendimento com que o Sr. Luiz Pinto Thomaz procura, de um lado, libertar o país da dependência estrangeira em artigos de consumo crescente, como são as máquinas agrícolas, e, de outro, fomentar, pela produção em série — portanto a baixo preço — o emprego dos meios mecânicos nas nossas fainas rurais.

Dispõe a fábrica de moderníssimas instalações para o fabrico de tôda sorte de utensílios, como enxadas, enxadões, rôdos, foices, sachos, marretas, picaretas, peças para arados, inclusive bicos, peças forjadas, etc., tendo incorporado agora a maior fábrica nacional de máquinas agrícolas — a Rofeco Plow Ltda.

Com um capital de 20 milhões de cruzeiros, tem atualmente um volume de produção de 800 toneladas de aço, mensais; 600 de laminados e 5.000 peças, diárias, de ferramentas, como enxadas, etc.

As suas instalações são das mais modernas, dispendo de forno elétrico "Lectromell" com caacidade de 32 toneladas diárias, bem como laminadores, fundição de aço, ferro maleável, marteletes, desbastadores, etc., além de um programa a desenvolver, visando sempre o aumento crescente e o melhoramento da produção.

Trata-se, pois, de uma iniciativa das mais oportunas e úteis à economia nacional.

# Os Zebús Mineiros no México

Atendendo ao apêlo dos criadores de gado zebú de Minas Gerais, a Sociedade Nacional de Agricultura enviou ao Sr. Ministro das Relações Exteriores e ao Embaixador do Brasil no México, em 2 de julho último, o seguinte telegrama:

“Sociedade Nacional Agricultura informada ameaça medidas radicais contra gado zebú procedente Brasil por parte autoridades mexicanas apesar ótimo estado sanitário animais, vem apelar Vossência sentido amparar interesses nossa pecuária grandemente empenhada criação corrente exportação êsse gado países americanos pt Efeivação referidas medidas corresponderia estrangulamento intercâmbio iniciado melhores auspícios, refletindo-se nosso país desestímulo criadores e prejuizos economia nacional. Saudações Cordiais, Arthur Torres Filho, Presidente”.

Ainda sem qualquer informação oficial a respeito, não nos furtamos, contudo, o prazer de informar, baseados numa notícia publicada no “Diário da Note” de 24 de agosto último, o encaminhamento favorável da questão:

“Como se sabe, diz o jornal, a insistentes convites de autoridades mexicanas, um grupo de pecuaristas do Brasil Central decidiu exportar para aquêlê país um lote de 327 zebús.

O gado, porém, não pôde desembarcar no território mexicano, ficando bloqueado na Ilha dos Sacrificios, baía de Vera Cruz, onde se encontram há mais de 120 dias.

Alegava-se, na proibição, a existência de um convênio de defesa contra a aftosa firmado entre os Estados Unidos e o México e cuja denúncia, sob pretexto da chegada de gado brasileiro, impedia a entrada franca de 500.000 cabeças de gado de córte mexicano em território americano.

A alegação, porém, não tinha o menor cabimento, uma vez que os zebús exportados do Brasil não eram portadores de aftosa nem de outro mal qualquer.

Isso ficou definitivamente provado

com a prolongada “quarentena” na Ilha dos Sacrificios, e apesar das dificuldades de alimentação do gado, pois a ilha é inteiramente despida de pasto, sendo a forragem de que necessita o gado levada do continente, em lanchas especiais, acarretando despesas de 25.000 cruzeiros por dia.

O Itamarati, entrando na controvérsia surgida em torno do assunto, decidiu apresentar uma fórmula conciliatória, que acaba de receber aprovação do governo de Washington, faltando apenas o pronunciamento do governo do México para o desembarque imediato dos zebús brasileiros, sob a garantia dos Estados Unidos reabrirem suas fronteiras ao gado de córte mexicano.

Num esforço de reportagem, conseguimos saber que a fórmula do Itamarati vitoriosa, aceita pelos Estados Unidos, consta dos itens seguintes:

I — Desembarque imediato dos zebús quarentenados na Ilha dos Sacrificios.

II — Reabertura das fronteiras dos Estados Unidos ao gado de córte mexicano.

III — Exportações futuras de re-

---

## CLUBE AGRÍCOLA MIGUEL CALMON

Foi fundado, em Abril do corrente ano, pelos alunos da Escola de Horticultura “Wenceslão Bello”, o Clube Agrícola Miguel Calmon, que se acha registrado no Serviço de Documentação do Ministério da Agricultura, sob o número 1098.

E’ a seguinte a diretoria do Club Agrícola Miguel Calmon:

Diretor: Professor Geraldo Goulart da Silveira.

Presidente: Romeu Rampazzo.

Secretário: João Nunes Castelo.

Tesoureiro: Silvio Valdetaro.

Zeladores: Célio Ferreira da Fonseca, Valter Gouveia, Marciano Ferreira do Vale, Dorival Pires de Almeida e Artur Valdetaro.

# “ A LAVOURA ”

(ORGAM DA SOCIEDADE NACIONAL  
DE AGRICULTURA)

FUNDADA EM 1897

Eng. Agrônomo Arthur Torres Filho,  
Presidente da Sociedade

Eng. Agrônomo Antonio de Arruda Camara,  
Diretor.

Eng. Agrônomo Geraldo Goulart da Silveira  
Consultor técnico

Luiz Marques Pollano  
Redator-secretário

Roberto Dias aFerreira  
Gerente

Redação e administração:

AVENIDA FRANKLIN ROOSEVELT,

115, 6º, Tel. 42 - 2981.

Caixa Postal 1245, Rio de Janeiro

Assinatura anual ..... Cr\$ 40,00

Número avulso ..... Cr\$ 4,00

produtores brasileiros para os países vizinhos dos Estados Unidos, ou diretamente para o território norte-americano, somente através dos “Postos de quarentena Internacional”, na Ilha de Swan, e cuja instalação já foi autorizada, em lei especial, pelo Congresso “yankee”.

IV — Prioridade para os zebús brasileiros na Ilha de Swan.

Essa notícia é das mais auspiciosas, abrindo um campo vastíssimo ao desenvolvimento da criação de reprodutores zebús puros para a exportação, pois essa espécie de gado se aclimatou nos nossos campos de tal forma que adquiriu qualidades que não apresentam os zebús no seu “hábitat” de origem: a Índia”.

## CURSO DE EXTENSÃO DE FRUTICULTURA

Acha-se em funcionamento, na Escola de Horticultura “Wenceslão Bello”, mais um curso de Extensão de Fruticultura, ministrado em colaboração com a Diretoria dos Cursos de Aperfeiçoamento, Extensão e Especialização do Ministério da Agricultura.

O referido curso, que funciona aos domingos, na sede da Escola de Horticultura “Wenceslão Bello”, despertou grande interesse, tanto que, nêles estão matriculados 49 alunos entre os quais contam-se numerosos funcionários públicos, comerciários, militares, estudantes de ginásios, etc.

## CURSOS EM COLABORAÇÃO COM O MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

A Escola de Horticultura “Wenceslão Bello”, mantida pela Sociedade Nacional de Agricultura vem realizando, desde 1935, os seguintes cursos, em colaboração com a Diretoria dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização, e Extensão do Ministério da Agricultura.

a) Curso Avulso de Horticultura, ministrado durante a semana e com a duração de 18 semanas.

b) Curso de Extensão de Fruticultura, grupos A e B, ministrado aos domingos e com a duração de 20 domingos cada um dêles.

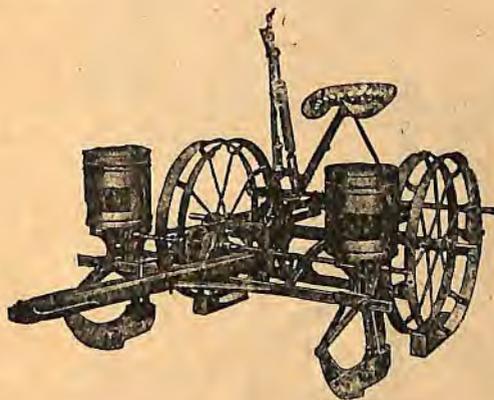
# Máquinas Agrícolas Utilizadas no Preparo do Solo

Pelo Prof. Arthur Torres Filho

Não levando em consideração as máquinas de beneficiamento e as de caráter muito especial, podem ser agrupadas como principais as seguintes:

- 1.º — De lavrar o sólo: *os arados*;
- 2.º — De preparar o sólo: *as grades* e, em casos especiais, *os destorroadores* (em sólos muito argilosos);
- 3.º — De plantio de sementes: *os semeadores*;
- 4.º — De cultivo das plantas: *os cultivadores* ou *capinadeiras*;
- 5.º — De colheita: *as ceifadeiras simples* e *as ceifadeiras atadeiras*.

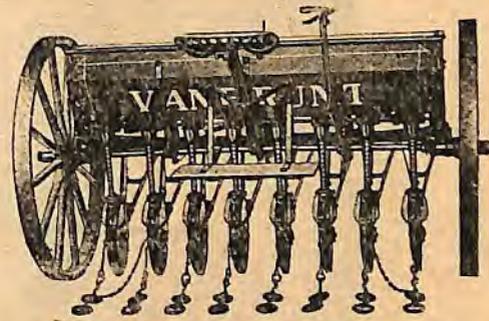
Com a utilização das máquinas agrícolas, fazendo-se seu emprêgo racional, consegue-se o aumento da produção, porque o sólo é convenientemente preparado, tratado, plantado e as plantas submetidas a um cultivo inteligente, proporcionando, dêsse modo, colheitas abundantes. Evitar-se-ão as derrubadas constantes de matas virgens e pôr meio delas se tornará ainda possível adubar as terras convenientemente e conservar-lhes a fertilidade.



Semeadeira de duas linhas

A máquina economiza a mão de obra e prepara mercado para os produtos, torna a produção mais rápida e abundante e, por conseguinte, aumenta a riqueza do

lavrador, desenvolvendo a ação do homem sobre a natureza, duplicando ou multiplicando muitas vezes sua força. A influência dos instrumentos e das má-



Semeadeira de oito ou dez linhas

quinas agrícolas tem sido de importância capital para o progresso agrícola nos nossos dias.

Enormes faixas de terras já destocadas encontradas próximas a meios de transporte ou junto às propriedades rurais, abandonadas por improdutivas e que, com o emprêgo das máquinas agrícolas, podem ser cultivadas com proveito, permitindo produção abundante e barata, em proveito da conservação das florestas. Suprindo-se a deficiência de braços pelo coeficiente mecânico poderão as superfícies cultivadas ser fortemente aumentadas.

No nosso meio rural vêm-se propriedades que deram abundantes colheitas e que poderão continuar a fornecê-las se forem as suas terras submetidas a um tratamento conveniente pelo uso das máquinas agrícolas, do emprêgo da rotação de culturas e da utilização dos adubos.

Devemos ter presente sempre ao espírito que a devastação das matas *comprometendo o valôr da propriedade agrícola, também compromete o futuro do país.*

*E' preciso ainda compreender que o simples fato do lavrador saber segurar nas rabicas do arado, o grande problema*

de sua propriedade, presente o futuro, não estará por isso resolvido. E' que o emprêgo adequado das máquinas agri-

a) maior economia; b) aumento da produção; c) diminuição da mão de obra; d) aumento e conservação da fer-



Arado de disco reversível "John Deere", em trabalho

colas, a principiar pelo do arado, não é tão simples como pode parecer à primeira vista. No nosso meio rural há poucos aradores que saibam fazer o uso acertado das máquinas agrícolas.

Em resumo, a preparação adequada das terras atua diretamente sobre a prosperidade do agricultor, proporcionando:

tilidade do sólo; e) preservação da derribada das matas; f) maior lucro.

#### A R A D O S

E' tripla a função do arado: virar, afofar e misturar o sólo. O arado levanta uma faixa de sólo, que se chama *leiva*



Arado de aiveca tipo "Sulkhi", de três rodas e boléia.

e a revira. de modo que o sólo que estava na superfície fique no fundo e vice-versa. Dessa forma o sólo virado vem a ficar exposto ao ar, o que é muito importante para o aumento de sua fertilidade. Dá-se o acréscimo das substâncias assimiláveis à disposição da planta, por permitir oxidações, desagregações e decomposições, com a exposição das camadas inferiores do sólo à ação do ar, da luz, etc.. Favorece o desenvolvimento das raízes, multiplicando-as e tornando-as mais fortes. Com a queda da leiva de terra o solo é afogado e facilitada a penetração e o armazenamento da água. Pode-se obter o enriquecimento progressivo do sólo (quando o sub-sólo o permite), mediante lavras progressivamente maiores, visto como as raízes poderão dêsse modo explorar um volume de terra cada vez maior. As ervas daninhas poderão ser combatidas e os adubos mais facilmente incorporados ao sólo. *E' o arado o melhor instrumento da lavoura moderna.*

São os seguintes os principais tipos:

De aiveca simples — fixo, reversível;

De aiveca — montado, com boleia;

De discos — fixo, reversível;

Quaisquer dêsses tipos pôde ser subdividido em outros de menor importância e os últimos três podem ser de uma aiveca ou disco, ou de muitos.

O arado de aiveca simples é o mais comum por ser de mais fácil manejo e mais barato.

Há muitas variedades de arados de aiveca simples. O tipo mais perfeito dêsses arados é o "Oliver" 51 ou "Chatanoooga" 57.

Este arado não é dos mais baratos mas é um ótimo tipo, fazendo serviço muito bom. As principais partes de um arado simples são:

A *relha*, parte que penetra no sólo, chamada geralmente "ponta" ou "bico" do arado.

A *aiveca* é a peça do arado destinada a virar o sólo, imprimindo movimento à leiva (cêrca de 180 gráus).

O *timão* ou *apo*, parte que liga a tração dos animais ao arado e a que são prêsas a aiveca e a relha.



## Trevo de Quatro Folhas

O trevo da felicidade pode ser encontrado pelo seu próprio trabalho, na construção de um sólido futuro para os seus. E o seguro de vida, na Sul América, é a melhor garantia de tranquilidade futura, para o Sr. e para os seus. Consulte o Agente da Sul América, sem compromisso, para saber qual o plano de seguro que mais se adapta ao seu caso particular.



## Sul America

Cia. Nacional de Seguros de Vida  
Fundada em 1895

O *rastro* ou *cepo*, parte que trabalha no fundo do sulco, lado oposto à aiveca e que serve para equilibrar o arado.

As *rabiças*, *pega-mãos* ou *braçadeiras*, de madeira ou de ferro onde o trabalhador segura para guiar o arado, representam as peças de direção.

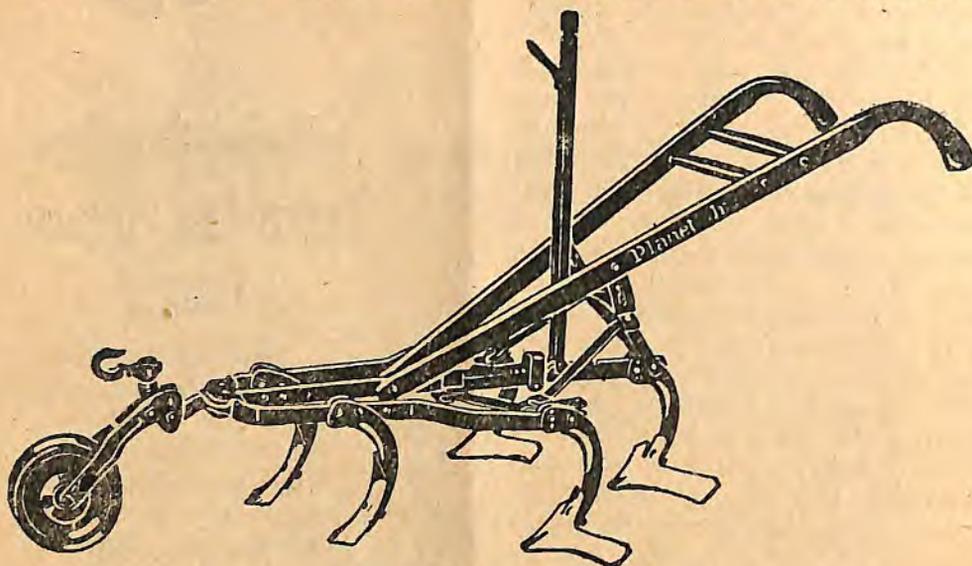
Os *reguladores*, pequena parte prêsas ao timão destinam-se a regular a largura e profundidade da leiva.

A *roda*, colocada à frente do arado e fixada ao timão tendo por fim auxiliar o equilíbrio do arado e tornar seu manejo mais fácil.

O *facão* ou *segão*, faca ou disco cortante colocação à frente da relha para cortar raízes, etc.. Essa peça geralmen-

lhador procura forçar o trabalho do arado é sinal de mau arador.

Os arados de aiveca simples servem



Cultivador "Planet Junior"

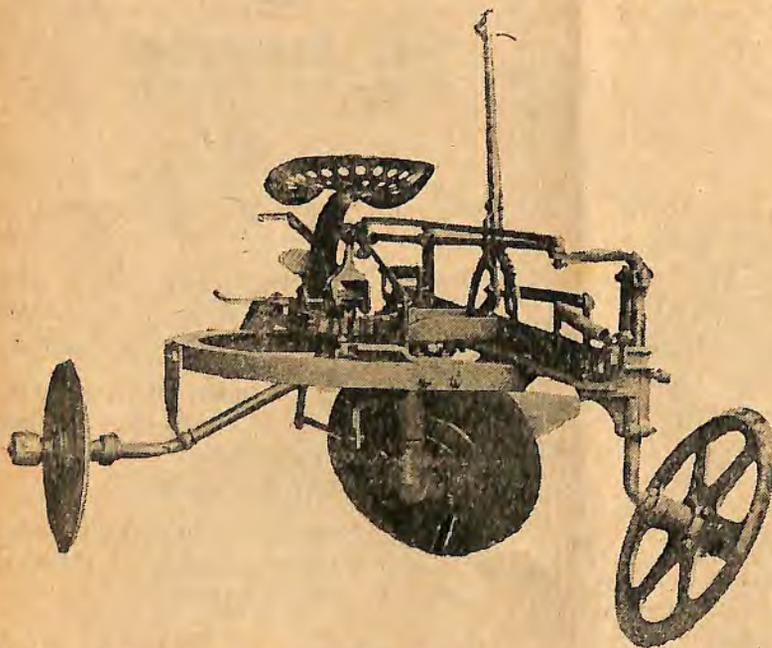
te estorva mais do que auxilia, se não for do tipo de discos cortantes.

Deixamos de falar aqui no tipo de arado muito empregado pelos europeus chamado *charrúa*, de que o tipo mais conhecido é o Brabant.

A respeito ocorre-nos dizer que o

para todos os terrenos, a não ser os de grande declive.

Para terrenos em que o declive é acentuado convem sejam empregados arados de *aiveca simples reversíveis* ("Oliver" 524). Nestes arados a aiveca pode trabalhar do lado direito ou esquerdo, o que permite ao arado voltar no



Arado de disco reversível tipo "John Deere", visto por traz.

bom arador é aquele que deixa os animais puxarem o arado limitando-se a guiar simplesmente. Quando um traba-

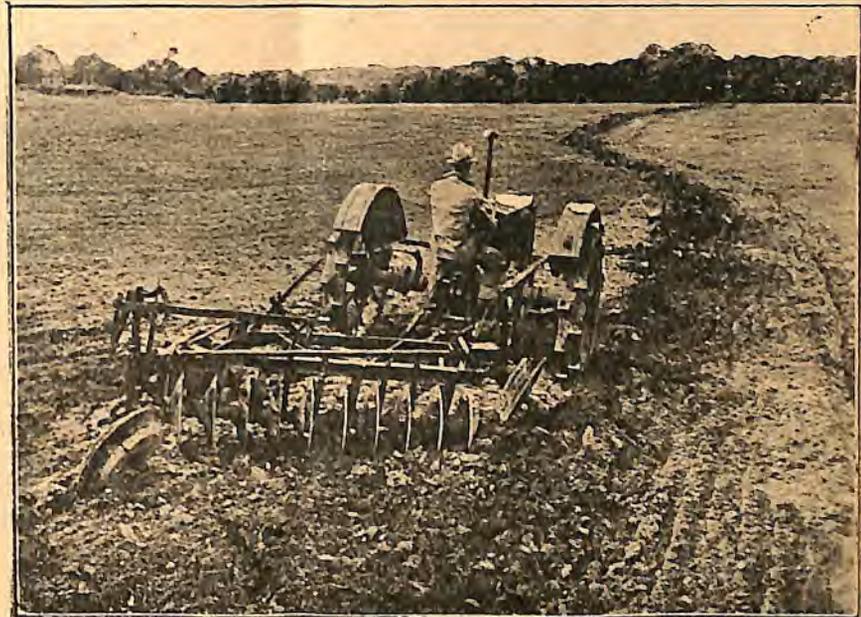
mesmo sulco que fez na ida através do terreno.

O arado de *aiveca fixa* vira só a lei-

va para um lado. O serviço com este arado é feito em quadro ou para o centro; é uma operação que não pode ser feita nos declives.

ja assentado, vantagem não pequena quando nos lembramos que o arador tem ordinariamente de acompanhar os animais. Esses arados só servem em terre-

Tipo especial de grade de discos, conhecida entre os fazendeiros americanos por "disc tiller", realizando um trabalho de lavra especial.



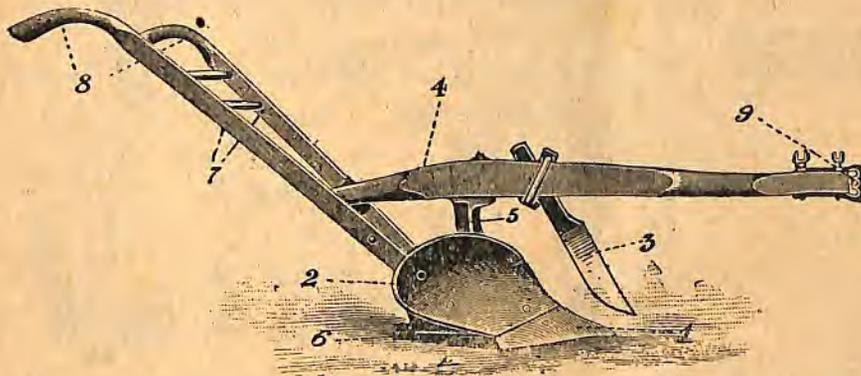
Com o *arado reversível*, o arador chegando ao fim do campo, desliga uma mola, suspende as rabiças, a aiveca cai e vira e está pronto para voltar no mesmo sulco, virando a leiva.

Como grande parte dos nossos terrenos agrícolas é acidentada, esses arados terão sempre grande emprêgo entre nós.

Os arados de aiveca montados, conhecidos como arado "sulky", são simplesmente arados de aiveca fixa adaptados em três rodas e com uma boleia. As

nos mais ou menos planos e livres de tocos. O seu serviço é dos melhores e é o tipo de arado mais usado nas zonas agrícolas dos Estados Unidos. Podem ter de uma a oito aivecas; tendo mais de três exige trator para puxá-los.

O *arado de disco reversível* é um tipo de arado considerado como muito útil no Brasil. Em lugar de relha e aiveca para penetrar, cortar e virar o solo, há o disco côncavo de aço que gira sobre um eixo cortando a leiva e virando-a ao mover-se.



Arado Simples. 1, relha ou bico; 2, Aiveca; 3, facão ou segão; 4, Timão ou apo; 5, Telrós; 6, Rastro ou cepo; 7, Rabiças ou braceadeiras; 8, punhos; 9, Regulador.

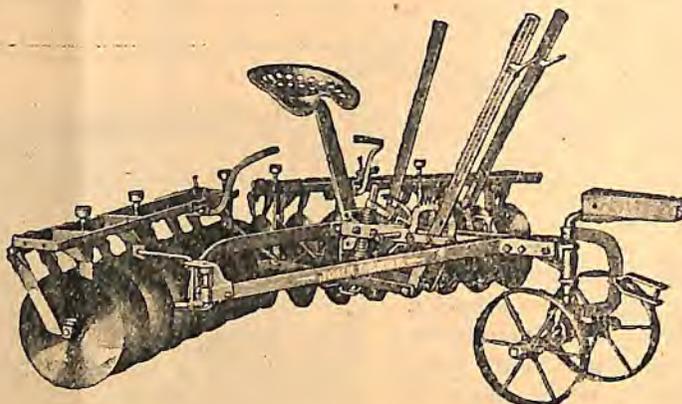
rodas tornam mais leve o arado, havendo, portanto, uma maior porcentagem de aproveitamento da fôrça dos animais e a boleia permite que o trabalhador este-

Consiste numa armação semelhante à do arado montado de aiveca fixa, tendo boleia onde vai assentado o trabalhador. Pela colocação central do disco tor-

na-se fácil fazê-lo virar para a direita ou esquerda, sendo assim reversível. Sendo as duas rodas que sempre trabalham

arados dêsse tipo. Pelo modo de ajustar o ângulo em que trabalha o disco, pode-se obter que penetre no solo a maior

Grade de duas secções de oito discos.



dentro do sulco mais altas do que a roda de cima êsses arados podem trabalhar em terrenos de declive bem regular. Nos terrenos de declive mais forte só podem ser empregados arados de aiveca reversível, por serem mais leves e de mais facil manejo.

Os arados de discos podem ser empregados em terrenos recém desbravados. Esses arados são caros, mas fazem excelente serviço e duram anos quando bem cuidados. Existem de diversas marcas: "Chatanooga", "Oliver", "Avery", etc..

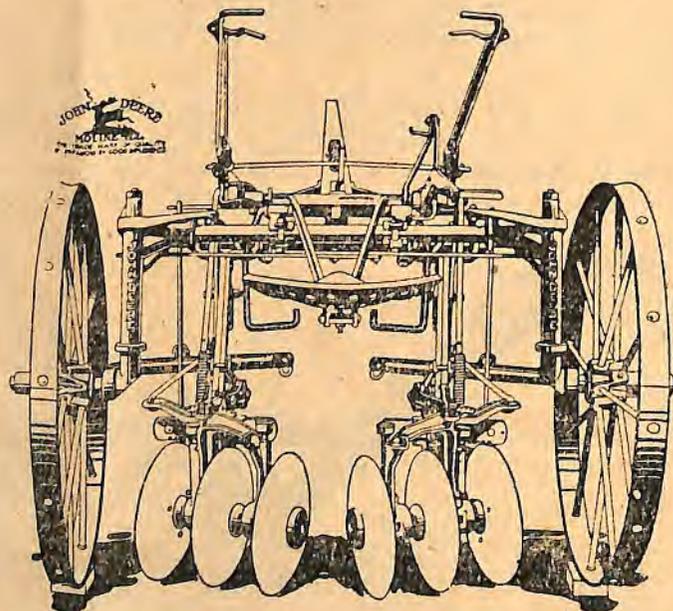
ou menor profundidade, conforme as condições do terreno.

Foram examinados ligeiramente cinco tipos de arados, bem assim o uso e a vantagem principal de cada um deles.

Na escolha do arado deve-se ter em vista a sua atividade; a qualidade do material empregado, sempre preferindo os de aço; a facilidade em serem substituídas as peças que quebrem e, especialmente, a facilidade na obtenção dessas peças.

Até que profundidade se deve arar? Trata-se de questão muito discutida. De-

Cultivador de discos "John Deere", com boléia



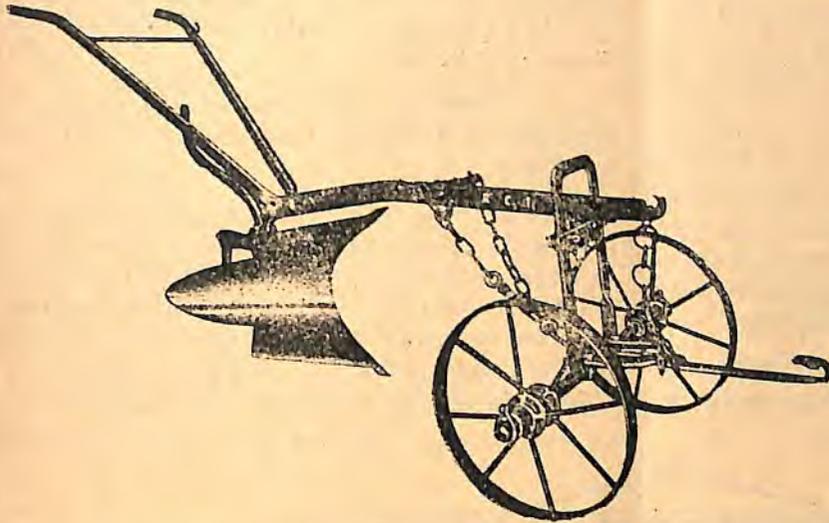
Existem tipos de arados de disco em que os discos trabalham sôbre esferas de aço e o atrito é mínimo, sendo a tração necessária muito menor que nos outros

ve haver cuidado em não trazer à superfície grande parcela do sub-solo. Caso contrário, ter-se-á o empobrecimento da terra. Muitos têm desanimado de usar o

arado por êsse fato. No primeiro ano arar profundamente sem o exame físico-químico prévio do perfil do sólo poderá comprometer-lhe a fertilidade alguns anos.

do graças a Jefferson, Hachettes, Lambousclini, Ridolfi, etc., sem o que estaríamos ainda hoje nas condições da época romana.

E' sabido que a forma de aiveca que



Charrúa tipo "Rud Sack", reversível.

Tem causado ruido nos Estados Unidos o livro de Edwards J. Faulkner intitulado "Plowma's Folly" (A Loucura do Lavrador), no qual êsse autor condena o emprêgo do arado de aiveca.

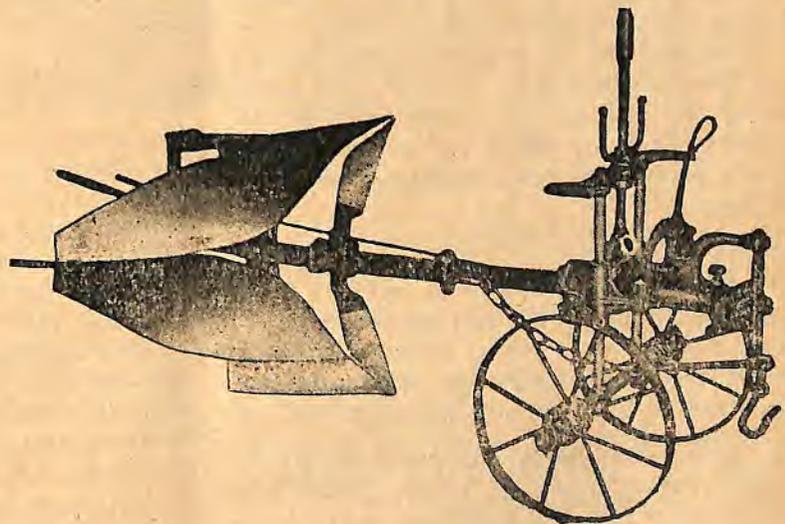
No entanto é o arado considerado como uma das mais úteis invenções humanas. Êle evoluiu desde o tipo mais simples (um tronco de árvore munido de galho mais forte numa extremidade, sim-

convém a cada sólo e a cada profundidade da leiva tem que ser obtida mediante repetidos ensaios sobre o terreno.

As formas geométricas clássicas deverão ser consideradas como pontos de referência, já se tendo mesmo chegado a dizer que os tipos de arados são apenas obra da engenhosidade dos construtores.

Infelizmente como sabemos, em nosso meio ainda não existem estações de

Arado de aiveca reversível tipo "Brabant"



plesmente arrastado e deixando na terra um sulco) até chegarmos aos arados de aiveca e de disco da atualidade, que principiam a florescer no século passa-

ensaios de máquinas agrícolas; e, por outro lado, não são grandes entre nós, por ora, os progressos da metalurgia. Na opinião de Marcelo Coti "es absurdo pro-

jetar a base de calcular uma máquina agrícola que llevada sobre el terreno debe realizar a cada instante um labor distinta en un medio tan heretogéneo que plan-te a cada paso nuevos problemas”.

O Professor Andre Tosello, da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, de Piracicaba, apresentou ao 2.º Congresso Brasileiro de Agronomia e, pelo mesmo foi aprovado, um trabalho muito útil intitulado “Um meio facil e rápido de se projetar um arado”. Esse trabalho teve por fim “demonstrar um meio facil e rápido de se projetar um arado de acôrdo com as propriedades do sólo no qual o mesmo vai trabalhar”.

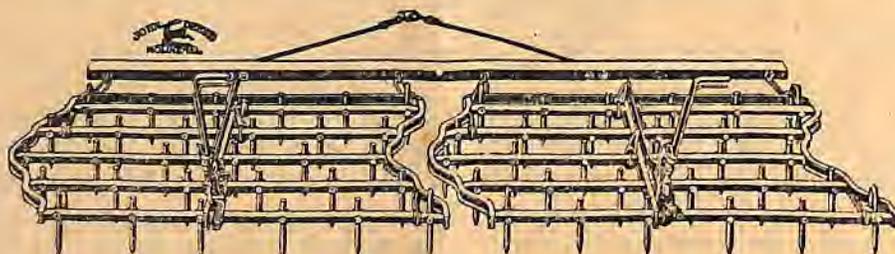
Sucede que um dos argumentos de Edwards J. Faulkner de condenação do

ticas físicas e químicas do solo se torna de todo indispensável na operação de aradura, devendo influir na escolha e aplicação do tipo de arado.

São cometidos os maiores êrros no emprêgo do arado pela crença de se tratar de máquina simples que não requer maiores cuidados.

E. Faulkner se mostra inclinado a reconhecer maiores vantagens no arado de disco.

Constitue fato incontestável ser o arado de aiveca ainda hoje, o instrumento mais universalmente utilizado na mobilização do sólo. E como a profundidade nem sempre é suficiente e pode tornar-se inconveniente, pela natureza do solo e do sub-solo aprofundar-se a lavra,



Grade de dentes de 30 unidades

arado de aiveca é o de que facilita a erosão e deixa o solo despido de matéria orgânica. De há muito os agrônomos veêm recomendando dever-se, tanto quanto possível, conservar no solo a matéria orgânica, evitando a queima excessiva dos restos da colheita. Surgiu com a impugnação de Faulkner o princípio de que se deve apenas quebrar os torrões, importando assim criar-se máquinas para cada tipo de sólo.

Já economistas norte-americanos anunciaram o princípio de que “a existência de uma civilização baseia-se em 25 centímetros, em média, de solo aravel. Quando essa camada for destruída, desaparecerá também sua civilização”.

Si há esse perigo de erosão e os demais inconvenientes assinalados por Faulkner e si a aradura, por outro lado, tem por principal objetivo proporcionar ao solo uma textura uniforme até certa profundidade para aumentar a quantidade de substâncias nutritivas à disposição das plantas, o exame das caracteris-

tem-se também o recurso da sub-sola-gem. Esse método é sobretudo recomendado nas regiões secas. Pela sub-sola-gem obtem-se a mobilização em profundidade do sólo sem o revolvimento.

Referindo-se ao arado de aiveca assim se expressa Hugh H. Bennett: “Eu não desejo condenar o arado de aiveca. Ele é uma máquina que presta serviços inestimáveis. Ele deverá continuar um fiel servidor para as gerações vindouras, porém, devemos considerar que, para todas as coisas, são preciso lugar e tempo convenientes”. E diz mais: “por todo país, técnicos do Serviço de Conservação do Sólo e outros especialistas, estão trabalhando no sentido de desenvolver o mais depressa novos métodos de cultivo e novas máquinas adaptáveis ao combate da erosão e da produção agrícola em cada caso variavel de novas comunidades”.

Em qualquer hipótese, E. H. Faulkner alertou os meios rurais norte americanos quanto à aplicação do arado de

aiveca e Bennet já chega à conclusão da necessidade de “um novo tipo de arado” e já vários têm sido fabricados visando uma mesma finalidade — *quebrar o sólo compacto, destruir as ervas daninhas e, ao mesmo tempo, deixar os resíduos vegetais à superfície do sólo*”.

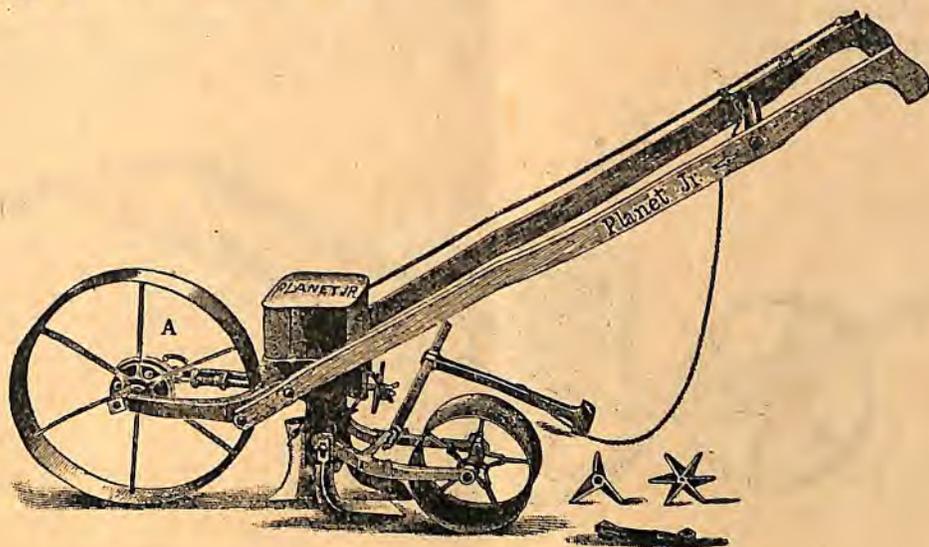
O arado de aiveca, com os aperfeiçoamentos nele sucessivamente introduzidos, teve por fim realizar tão aproximado quanto possível o trabalho da pá, considerado como sendo o mais perfeito na mobilização do sólo. E é assim que se chegou aos resultados teóricos da largura da leiva dever equivaler a 1,4142 da profundidade.

Por muito bem construído e adaptado ao sólo, o arado, do ponto de vista da perfeição do trabalho, não poderá o

no quando sêco ou úmido de mais. Cada agricultor tem de aprender, com a própria experiência, a época mais propícia à aradura.

*Requisitos que o arado deve satisfazer e as condições necessárias ao seu bom emprêgo.*

- 1.º — ser simples, sólido e barato. Que as diversas peças sejam de fácil substituição;
- 2.º — que tenha manejo fácil e disponha de estabilidade;
- 3.º — que os órgãos de regulação permitam lavras de largura em profundidade diversas, porém regulares;
- 4.º — que exija poucos operadores;
- 5.º — que exija o mínimo de tração.



Semeadeira para horticultura

mesmo igualar-se à pá, dirigida pela mão do homem.

O arado de aiveca que tem sido um dos maiores elementos de progresso das nações agrícolas, encontrou no livro de Faulkner sério opositor, tendo, por isso mesmo, provocado grandes debates nos meios agrícolas e agrônômicos da América do Norte.

Atendendo às variações de clima e às condições do solo em país tão vasto como o Brasil, não se pode precisar os meses melhores para arar a terra. Há uma consideração importante a propósito da época da lavra: não arar o terre-

*Condições necessárias ao bom emprêgo do arado.*

- 1.º — bom preparo prévio do terreno;
- 2.º — boa escolha dos aparelhos. Existem aparelhos para fins os mais diversos, como terrenos os mais variados dependendo da boa escolha dos aparelhos o êxito a ser alcançado nas culturas;
- 3.º — bom arador. Depende principalmente do bom condutor das máquinas o resultado das plantações;
- 4.º — animais adestrados para a tração;

5.ª — boa conservação das máquinas.

### A S G R A D E S

A grade é o aparelho que completa o trabalho do arado, desmanchando os torrões, nivelando o terreno e colocando-o em boas condições para receber as sementes. É empregada também para cobrir adubos, sementes e para capinar certas plantas, quando novas.

A grade é quasi tão necessária como o arado.

#### *Tipos de grades.*

São quatro os principais tipos de grades:

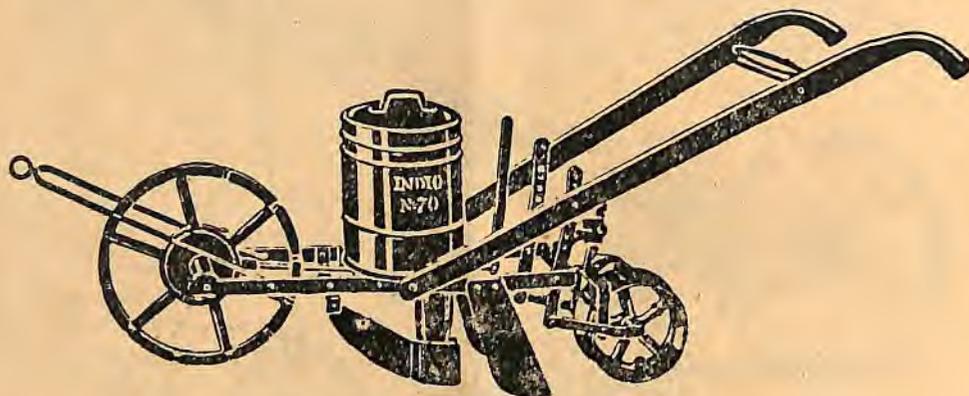
- a) Grades de discos;
- b) Grades de dentes;
- c) Grades de molas;
- d) Grades de facões.

de capim, como antigos pastos, quando revolvidos pelo arado.

Nas grades modernas às vezes são ligados dois jogos na mesma máquina, um de discos lisos e outro de discos recortados, tornando a grade uma máquina de primeira ordem.

Muitas vezes é preciso fazer acompanhar a grade de discos por outra de dentes que melhor nivele a terra.

A grade de dentes compõe-se de várias séries de dentes de ferro colocados numa armação, em forma de "V" ou quadrado. Por ser muito leve, esta grade compõe-se de duas ou três secções. É a grade preferida pela maioria visto ser muito barata. Mas não serve quando o serviço é muito forte, por efeito da natureza argilosa do sólo. Para limpar o terreno é muito util. Os dentes podem ser inclinados em qualquer ângulo, para frente ou para trás, facilitando o traba-



Semeadeira de uma linha

De todas as grades só as de discos são indispensáveis. Estas grades consistem em discos côncavos de aço, montados em séries duplas, com uma armação leve ligando as duas séries, e uma boleia, podendo ou não ter um varal para os animais e contando ou não com pequeno aparelho de duas rodas na frente.

Esses discos agem sobre os torrões, desmanchando-os e nivelando o terreno. Para terreno mal arado ou cheio de torrões cobertos de mato, essa é a melhor grade. Há entre as grades de disco, dois tipos: a de discos lisos e a de discos recortados, próprios para terrenos cheios

lho de nivelar, quando inclinada para trás, ou de limpeza quando inclinada para frente.

As grades de molas se assemelham com as de dentes, mas, em lugar de dentes curtos e fixos, têm molas de aço compridas, recurvadas e flexíveis. A vantagem especial dessas grades é a sua utilidade nos terrenos pedregosos, onde as outras não poderiam trabalhar. Em outra espécie de terrenos são muito pouco usadas.

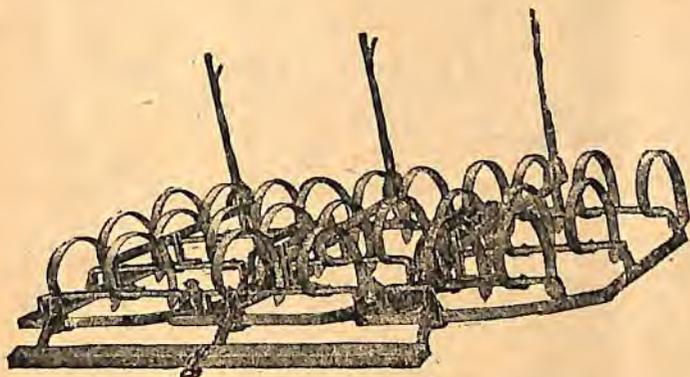
As grades de facões, chamadas "Acme" (porque é este o nome da principal marca dessa grade), consistem numa série de facões deitados para trás,

seguros numa leve armação de tubos de aço. Leva boleia ou rabiças. Tem apenas uma alavanca para regular o ângulo dos facões afim de aprofunda-los mais, ou menos.

Essa grade nivela bem o terreno. E' a melhor para pulverizar a terra.

Não é suficiente apenas lavrar a terra; é preciso pô-la em condições de receber as sementes, e é para êsse trabalho que as grades são empregadas.

De fabricação norte americana appareceu no mercado ultimamente e, entre nós já existem alguns exemplares, o "*one way discs*" também conhecido por "*disc-tiller*", podendo ser a tração mecânica ou animal, formado de vários discos e realizando trabalho equivalente a lavras superficiais, com ótimo rendimento.



Grade de molas

Realiza um trabalho mais enérgico do que o da grade de disco propriamente dito.

### ROLO DE PRANCHÃO

Há uma espécie de grade de pranchão, que pode ser feita pelos próprios fazendeiros e é de grande utilidade e simplicidade.

Tomem-se quatro pranchões de boa madeira, largura de 30 a 40 cm., comprimento de 1m,20 a 2m,00 e preguem-se juntos, em forma de escada, isto é, um pranchão adaptando-se no outro uns 8 centímetros. Prende-se na frente uma corrente de 1m, 40 a 2m,00 e, no meio desta, ligue-se a tração dos animais. Si se quer fazê-lo mais pesado, pode-se amarrar em cima um pau roliço, do pêso que se desejar.

Arrastando-se êsse aparelho sobre a

terra, os torrões são desmanchados e o terreno fica bem nivelado, o que muito facilita a passagem da semeadeira.

### OS SEMEADORES

Para completar o serviço mecânico da plantação, tem-se inventado plantadeiras mecânicas muito engenhosas. A máquina semeia com mais exatidão e uniformidade que a mão do homem.

E' muito importante que as sementes sejam colocadas numa profundidade uniforme, em distâncias iguais e a terra seja levemente compacta ao redor delas. Com o semeador consegue-se êsse resultado.

#### *Tipos de semeadeiras*

São muitos os tipos mas cogitaremos apenas de dois. Há as que plantam de

uma até vinte fileiras de uma vez; há as que plantam as sementes e colocam o adubo químico na terra ao mesmo tempo, etc.

O semeador a mão "Planet Jr." é, por exemplo, uma máquina que semeia todas as sementes miudas de horta, cenoura, ervilha, feijão, fava, etc.

Essas máquinas são indispensáveis nas hortas e pequenas lavouras.

A semeadeira tipo "Shawnee Jr." representa uma máquina simples, própria para a fazenda pequena. Um homem com um animal planta mais ou menos um hectare de terreno por dia com uma dessas semeadeiras.

A mesma máquina pode ser obtida montada em rodas, com boleia e para plantar uma ou duas fileiras de cada vez.

O trabalho é feito por uma chapa

furada que gira no fundo de uma camba onde é colocada a semente. Vem logo atrás o cobridor que cobre os sulcos onde se acham as sementes e depois o rôlo que comprime a terra. O trabalho é perfeito e rápido.

No manejo dos semeadores torna-se necessário um operador para conservar as fileiras em linhas e não dificultar o trabalho dos cultivadores.

## CULTIVADORES

Depois de nascidas as plantas, vem a operação de cultivo, isto é, o trabalho de movimentar a terra e eliminar as

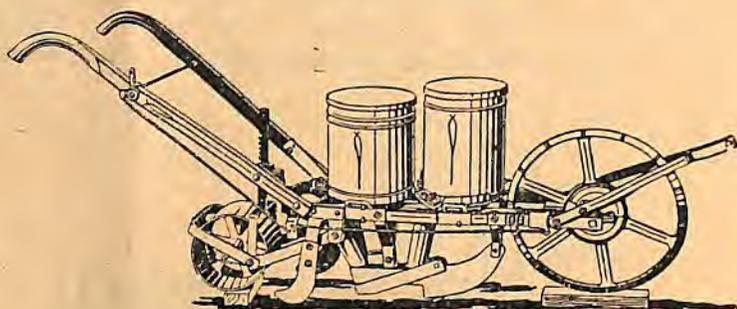
- b) de molas;
- c) de dentes;
- d) de discos e facões.

O cultivador tipo de enxadas, marca "Planet Jor." é conhecido em todo o Brasil pela sua simplicidade e pelo bom trabalho que realiza. A não ser com vegetação muito desenvolvida, esses cultivadores capinam bem e sacham a terra ao mesmo tempo.

Os cultivadores d molas são simples e de ótimo efeito nas culturas.

Os cultivadores de dentes, discos e facões obedecem aos mesmos princípios que as grades de igual tipo.

Semeadeira de uma linha, com adubadeira



plantas estranhas, enquanto a cultura estiver ocupando o sólo.

Este trabalho pode ser dividido em três partes, com nomes diferentes. São elas: *sacha*, *monda* e *achega*. Por *sacha* entende-se revolver o solo entre as plantas. Por *monda*, o trabalho de eliminar as plantas estranhas. Por *achega*, o serviço de "chegar terra à planta".

Essas três operações são efetuadas entre nós com um só aparelho — a enxada, constituindo operação dispendiosa.

Culturas existem que podem ser cultivadas sem que se torne preciso aplicar a enxada. Nem sempre é possível eliminar-se de todo a enxada em certas culturas, podendo porem o serviço manual ser reduzido ao mínimo.

Há cultivadores que podem efetuar as três operações ao mesmo tempo.

Os principais tipos de cultivadores são:

- a) de enxadas;

Há capinadores montados, dotados de boleia, que capinam uma e duas leiras de cada vez.

E' especialmente importante saber quando deve ser feito a culturação das plantações. O tempo mais facil de eliminar as plantas estranhas é aquele em que ainda são bastante novas. Devemos cultivar repetidamente, como o fim de eliminar as plantas daninhas.

Não se deve cultivar quando o sólo está demasiadamente úmido. Pelas mesmas razões, não se deve arar ou gradear nessas ocasiões.

## CONCLUSÃO

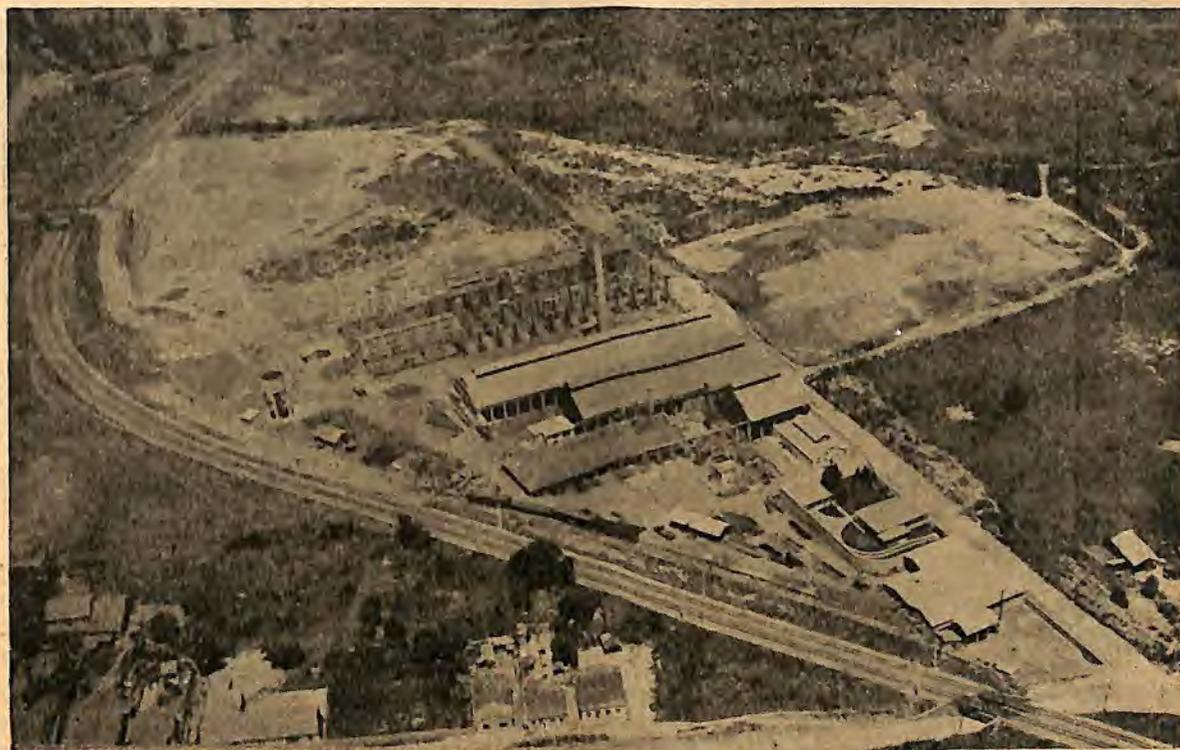
Estas ligeiras notas visam apenas focalizar a necessidade que temos de realizar um grande esforço em prol do *aumento da produção de nossas terras* — de que a mecanização será fator decisivo.

# Uma Indústria Necessária

Um dos primeiros presidentes da Sociedade Nacional de Agricultura — o Dr. Moura Brasil costumava dizer que ao nosso país não faltavam braços, mas cabeças. Era um dos entusiastas da modernização da nossa agricultura. Ao assumir a presidência, foi um dos seus primeiros passos tratar de organizar um campo de máquinas agrícolas, onde os lavradores pudessem aprender a fazer mais rendoso o seu esforço, valendo-se dos meios mecânicos. Obteve do governo fluminense o

car a frase de Moura Brasil, assim traduzida: *é preciso mecanizar a lavoura!*

Com uma população de quase cinquenta milhões, e dispondo de todos os climas, o rendimento *per capita* da nossa população é irrisório, porque o concurso dos métodos mecânicos de cultivo do sólo estão, apenas, esboçados entre nós. Enquanto nos Estados Unidos, 80 habitantes para alimentar 1.000, hoje antes da mecanização, eram necessários apenas 20 bastam para isso — graças à generalização da máquina nas fainas



Vista tomada pelos fundos das instalações da "Indústria Metalúrgica N. S. Aparecida", vendo-se o desvio da estrada de ferro que a serve. Do grandioso conjunto, percebe-se uma parte das instalações, ainda em construção.

material abandonado no campo de Vargem Alegre e o trouxe para a então Estação Filoxérica da Penha, uma parte e, outra, para a Fazenda Santa Mônica, ambas então cedidas à Sociedade. Aí empregou essas máquinas, chamando para os trabalhos do campo os lavradores circunvizinhos. Depois, organizou uma exposição nos terrenos do Turfe Club.

Quase cinquenta anos decorridos, ainda, e com mais razão, se pode apli-

do campo, que ali se levou a cabo com a firme determinação yanque.

A nossa relativa escassez de braços terá, portanto, de ser corrigida com um largo emprêgo da máquina. Com a sua industrialização, em certos aspectos, já bem adiantada — e isto representa maior consumo, não é possível relegar a um plano secundário a questão, mas, ao contrário, atendê-la com medidas capazes de facilitar — e o quanto antes — a era da máquina agrícola no

Brasil, a menos que queiramos continuar vivendo nos sobressaltos das dificuldades de produção, escassa e cara, e, pois, do auto-abastecimento alimentar, a tal ponto que, país agrícola e criador, estamos no momento nos valendo do extremo recurso da isenção de impostos para os gêneros alimentares estrangeiros, e da proibição de exportação, a fim de que as nossas populações não morram de fome!

A nossa questão, hoje, é produzir. Como há dificuldade de mão de obra, teremos de tornar a que possuímos tão rendosa quanto o é nos países que cuidaram seriamente da mecanização da sua lavoura.

Se é uma verdade incontestável que a mecanização rural é uma necessidade, não é menos verdadeira a situação de dificuldade do mercado fornecedor do material necessário a essa mecanização. Há, no mundo, uma verdadeira fome de máquinas agrícolas. Todos os países tratam de reorganizar, modernizando, as suas fontes de produção vegetal. Daí, a falta em que se encontram os países importadores como o nosso, de máquinas agrícolas, sem ter onde encontrar, com abundância e a baixo preço, o material de que necessitamos para impulsionar nossas culturas.

Ao Brasil, contudo, se oferece hoje excepcional oportunidade para livrar-se da dependência estrangeira nêsse particular. O advento de Volta Redonda põe ao alcance da indústria nacional de máquinas agrícolas os raros tipos de material que ainda precisávamos importar do estrangeiro, de tal sorte que uma fábrica de máquinas agrícolas pôde funcionar no Brasil, hoje, *utilizando exclusivamente matéria prima nacional*. De resto, não seria de desprezar, num caso dêstes, o dever patriótico dos nossos homens de iniciativa, em organizarem no país indústrias verdadeiras, dando consumo à vultosa produção da soberba usina. Sem que, além do mais, à sombra dela, vicejem indústrias de transformação dos seus produtos básicos, seria um empreendimento condenado ao fracasso.

Foi assim pensando que homens corajosos se lançaram à elogiável tarefa de implantar no Brasil uma indústria genuinamente nacional de



O sr. general Cordeiro de Farias, em companhia do industrial sr. Luiz Pinto Thomaz, em visita à "Indústria".

equipamentos necessários à agricultura brasileira.

Referimo-nos à "Indústria Metalúrgica N. S. da Aparecida", com sede em São Paulo, à frente da qual se encontra a figura dinâmica de Luiz Pinto Thomaz, um idealista da nossa emancipação no que toca às necessidades nacionais, num gênero de equipamentos que podem ser vantajosamente produzidos no país.

As atividades de sua fábrica, durante a guerra, são conhecidas. Enquanto os nossos antigos fornecedores, premidos pela necessidade da guerra, tiveram de suspender as suas remessas, foi a sua indústria chamada a desempenhar um papel saliente na questão do suprimento do mercado nacional. Aprimorando os métodos de trabalho, modernizando as suas oficinas, pôde apresentar-se, findo o conflito, em condições de, daqui por diante, garantir, uma vez completadas as instalações do seu grande empreendimento, o fornecimen-

to das máquinas mais usadas nos nossos campos de cultura, a preços razoáveis e de qualidade equiparada ao similar estrangeiro..

São do diligente industrial as palavras que, abaixo, transcrevemos, fornecidas quando, procurado em São Paulo por um dos nossos matutinos, descreveu o seu patriótico plano, e os fins que o animaram a levá-lo por diante:

— “Estamos empenhados numa verdadeira cruzada, arrancar das atuais condições de precariedade a mecanização da lavoura brasileira. Vivemos atrasados de pelo menos meio seculo, em relação aos Estados Unidos. E, quando indagamos da razão desse atraso, dos motivos por que não existiu a indústria de máquinas agrícolas no país, quando outros setores do nosso trabalho apresentaram desenvolvimento significativo, concluimos que o fenômeno resulta da verdade axiomática de que só pode existir uma tal indústria se dotada da capacidade de produzir em série. E, como ainda existe em nosso meio falta de técnica nas condições a que chegaram outros países industriais, predomina no Brasil a indústria incipiente, vivendo a fase das dificuldades naturais aos empreendimentos isolados, sem a indispensável sinergia de esforços, que é capaz de imprimir à produção feição mais desenvolvida.

#### FALTA DE ASSISTÊNCIA FINANCEIRA

Evidentemente, para tanto, tem faltado a necessária assistência financeira. A atividade de tal amplitude requer maior soma de capitais do que aquela que é capaz de movimentar a fortuna particular, isoladamente.

Estamos, entretanto, conjugando todos os esforços, objetivando alcançar a finalidade que nos propusemos — iniciar a indústria de máquinas agrícolas no país. Estamos arregimentando os meios de que dispomos: forjaria, estamparia, laminação, fundição, oficina mecânica e carpintaria; um conjunto de indústrias que é necessária mobilizar para conseguir o objetivo de quem produz; bom artigo, a preço conveniente. Sem dúvida, que não foi pequena a lu-



Aço para a nossa mecanização rural. Este é um dos modernos fornos de fundição, com que está aparelhada a “Indústria Metalúrgica N. S. Aparecida”.

ta, para que pudéssemos, afinal, cogitar de dar começo no Brasil, à fabricação de material agrícola, em larga escala.

Agrupadas as referidas indústrias sem dúvida será promissora a perspectiva do empreendimento. Mas, convenhamos, é indispensável que o governo assista convenientemente a iniciativa. Esclarecendo mais, diante de um exemplo conhecido no país: se a administração governamental der ao problema a mesma solução que conduziu a bom termo a indústria de vagões. Estimulada a atividade doméstica poderemos, dentro de pouco tempo, encontrar no país aquilo que ainda não pode ser importado na escala requerida pelo nosso trabalho agrícola, diante da situação delicada dos fornecimentos alienígenas

Já possuímos, em Sorocaba, um forno elétrico para a refinação de aço, com capacidade de 800 toneladas men-

sais; instalações de laminação para produzir os perfilados, destinados às máquinas agrícolas; máquinas de forjagem e estampagem, para dar forma a tôdas as peças necessárias aos equipamentos e, por fim, ampla oficina mecânica, como indispensável complemento da obra.

mental empenha-se defendendo o interesse da agricultura em atender à procura e às necessidades de material. O rigor da padronização poderia ser postergado para quando as necessidades de gradual aperfeiçoamento da indústria reclamassem iniciativas mais evoluídas, às quais nos iremos procuran-



Um aspéto dos pavilhões recentemente construídos

A palestra com o sr. Luiz Pinto Thomaz deriva para as exigências oficiais, que objetivam, não há dúvida, atender ao aperfeiçoamento da produção. Todavia, em face da situação delicada que atravessamos, as iniciativas, particularmente as bem formadas, que visem a industrialização do material requerido pela atividade do campo, são dignas e estímulo, apóio, amparo moral e assistência financeira do governo.

No tocante à padronização, disse o nosso entrevistado, seria interessante o apóio do Ministério da Agricultura, encarando-se mais o aspecto da especificação do material a ser utilizado na fabricação do material do que, propriamente, a rigidez da padronização. A esperança que alimentamos é de que ao menos de início, essa assistência não nos falte. O próprio órgão governa-

do adaptar visando a defesa do próprio empreendimento.

Em última análise, o nosso empenho, está precisamente, em atender às solicitações da hora que vivemos. De um lado, há falta de material agrícola, em virtude da situação doméstica das nações fornecedoras; de outro, não temos abundância de braço, enquanto a situação brasileira requer maior contribuição do trabalho agrícola. Havendo falta de braços, é a mecanização o recurso pronto e eficiente, para que a nação possa desempenhar o papel que lhe cumpre, no grave instante que atravessa o mundo.

Seria longo o exame da situação brasileira, no tocante às necessidades da mecanização desde o seu aspecto industrial, concluiu o sr. Luiz Pinto Tho-

# Notas Práticas Sobre a Cultura da Jaboticabeira

Engenheiro Agrônomo Geraldo Goulart da Silveira

(Professor da Escola de Horticultura

Wenceslão Bello)

## I — Classificação botânica da jaboticabeira

Família: Mirtáceas

Gênero: Myrciaria

Nomes científicos: Myrciaria cauliflora, Myrciaria trunciflora, etc.

## II — Origem

A jaboticabeira além de uma interessante fruteira, é uma belíssima planta ornamental

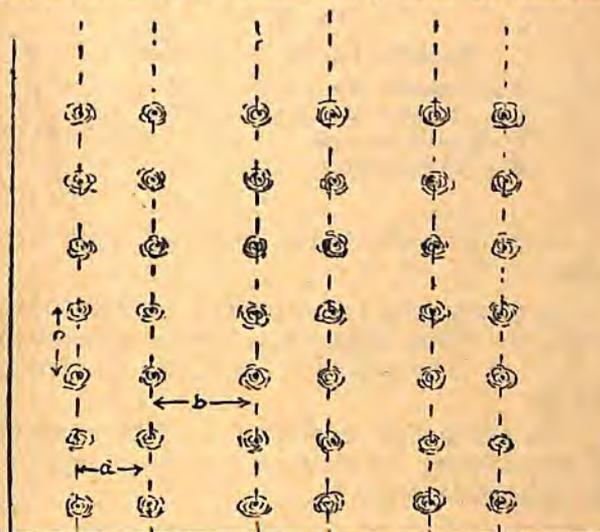


Fig. 1

Alinhamento no viveiro  
(linhas duplas)

a — distância entre as linhas

b — intervalo das ruas

c — distância entre as plantas

brasileira, indígena nas regiões Leste, Sul e Centro-Oeste, onde fornece frutos muito saborosos e refrescantes.

## III — Caracteres botânicos

A jaboticabeira é uma linda Mirtácea,

de porte pequeno, muito bem esgalhada, formando uma vistosa e densa copa, mais ou menos esférica.

As folhas, lanceoladas, ovais, obtusas, etc., são, quando novas, um tanto avermelhadas, passando depois a verdes.

As flores, pequenas e brancas, nascem em feixes agarrados ao tronco e galhos, dando um aspecto muito interessante à árvore durante a floração.

Os frutos são pequenos, esféricos, de epicarpo liso, brilhante, fino e de cor negra.

A polpa, muito saborosa, é branca ou ligeiramente acinzentada, muito aquosa, saborosa e refrescante.

As sementes, revestidas de um induto polposo, são pequenas e achatadas.

## IV — Espécies cultivadas

As jaboticabeiras mais comuns são:

a) Myrciaria cauliflora

b) Myrciaria trunciflora

Entre as numerosas variedades cultivadas são muito apreciadas as jaboticabeiras sabará, murta, branca, corôa, etc.

## V — Condições favoráveis de clima e solo

A jaboticabeira é uma fruteira pouco exigente, que se desenvolve nas mais variadas condições climáticas, preferindo naturalmente um clima tropical ou sub-tropical.

Conquanto se adapte bem em quase todos os solos, prefere, entretanto, os solos profundos, férteis, permeáveis e bem drenados, como são os solos sílico-argilosos.

maz. — O assunto, porém, está entregue à esclarecida orientação do Conselho do Comércio Exterior, onde o sr. Torres Filho o examina com a autoridade que todos lhe reconhecemos, tendo em conta os interesses do país”.

“A LAVOURA” folga em registrar o fato auspicioso, oferecendo aos seus leitores alguns aspectos da usina que, dentro em breve, deverá atender em grande parte as nossas necessidades de máquinas agrícolas.

## VI — Propagação da jaboticabeira

A jaboticabeira propaga-se por sementes, estaquia e enxertia.

A propagação por sementes é a menos aconselhada, pois as fruteiras só frutificam com 8 a 10 anos, não raro até 15 anos após a sementeira.

As sementes destinadas ao plantio devem ser provenientes dos melhores frutos das variedades mais saborosas, e depois de retiradas devem ser lavadas e postas a secar em lugar sombreado.

A sementeira deve ser feita em linhas separadas 0,15m a 0,20m uma da outra, guardando as sementes, em cada linha, a distância de 0,08m a 0,150m, uma da outra.

Quando as mudas atingem 0,12m a 0,15m de altura estão em condições de serem transplantadas para os viveiros.

Nos viveiros, o método mais aconselhável de plantio é o em linhas duplas, com intervalo de 1,20m entre as ruas e 0,60m entre as mudas e as linhas.

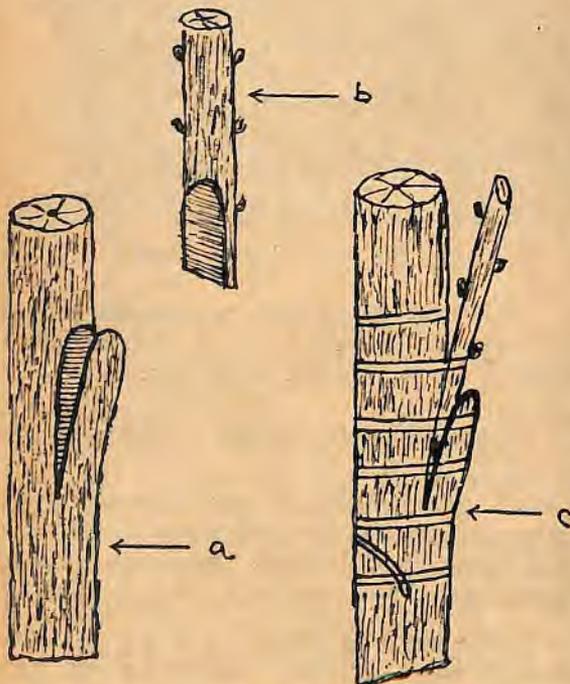


Fig. 2

## Garfagem lateral

- a — porta-enxerto preparado para a enxertia
- b — garfo preparado para a enxertia
- c — garfo introduzido no porta-enxerto e amarrado

Quando as mudas enviveiradas atingem 0,80m a 1,20m de altura estão em condições

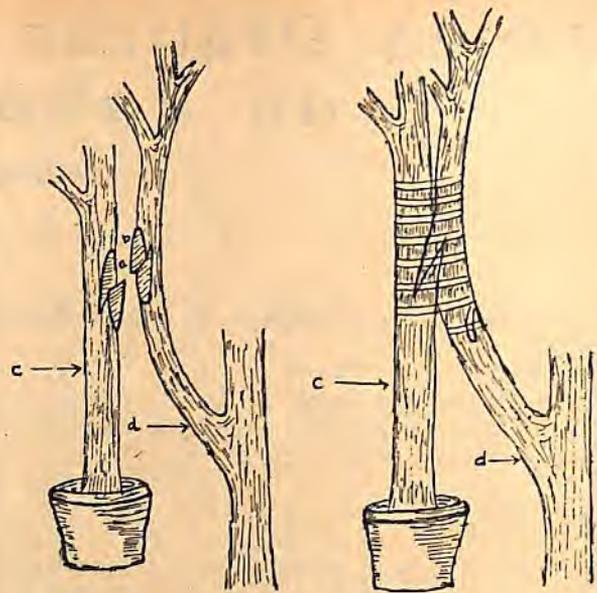


Fig. 3

## Encostia lateral à inglesa

- a — entalhe do porta-enxerto
- b — entalhe do ramo-enxerto
- c — porta-enxerto
- d — ramo-enxerto

de serem transplantadas para o local definitivo.

A propagação por estacas é um bom processo que reduz bastante o tempo necessário a que as jaboticabeiras comecem a frutificação.

Esse processo apresenta a desvantagem de não formar um sistema radicular profundo e bastante vigoroso.

A estaca destinada ao plantio deve ser um galho vigoroso, sadio, medindo de 1,20m a 1,80m de altura, que se destaca da árvore-mãe e se enterra geralmente diretamente no local definitivo.

Para que as estacas vinguem é necessário plantá-las em época chuvosa, ou, em caso contrário, fazer abundantes e diárias regas.

A propagação por enxertia é o melhor processo para a obtenção de jaboticabeiras frutificando com 4 anos de idade.

Como porta-enxerto é muito aconselhável usar a jaboticabeira de pé franco, principalmente a jaboticabeira do mato.

Os processos de enxertia mais usuais são a garfagem lateral no alburno e a encostia.

Quando se vai enxertar por encostia é preciso transplantar os porta-enxertos da se-

menteira para latas, afim de que, mais tarde, possam ser levados para junto das árvores fornecedoras do ramo-enxerto.

**VII — Plantio definitivo**

Estando o terreno convenientemente mobilizado (arado e gradeado), procede-se, com uma certa antecedência, à abertura das covas que devem medir, no mínimo, 0,60m x 0,60m x 0,60m.

A distância entre as covas deve ser de 5,00m até 9,00m, conforme a variedade, a natureza do terreno, etc.

São muito convenientes os alinhamentos em triângulo equilátero e em quadrado, principalmente o primeiro, que comporta número de plantas por unidade de superfície.

**VIII — Tratos culturais**

Tornam-se necessárias, para manter a cultura em boas condições, não sejam descuidados os seguintes tratos culturais:

- a) capinas quando necessárias
- b) tratamentos contra doenças e pragas
- c) adubação, nos casos em que ela se tornar indispensável.

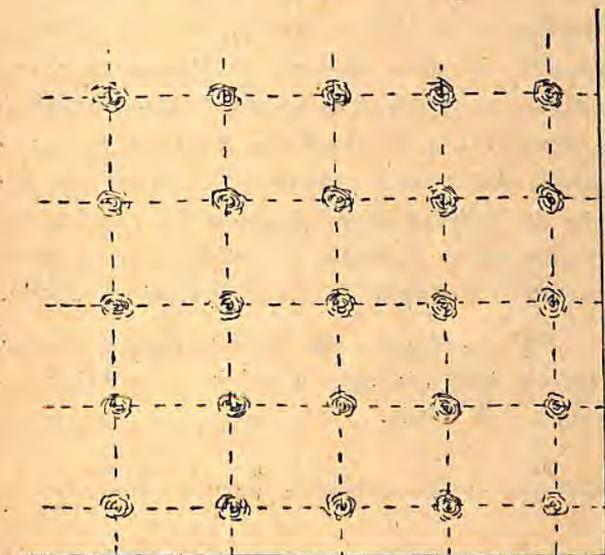


Fig. 4  
Alinhamento em quadrado

**IX — Amadurecimento e colheita**

Os frutos só devem ser colhidos quando completamente maduros, isto é, quando apre-

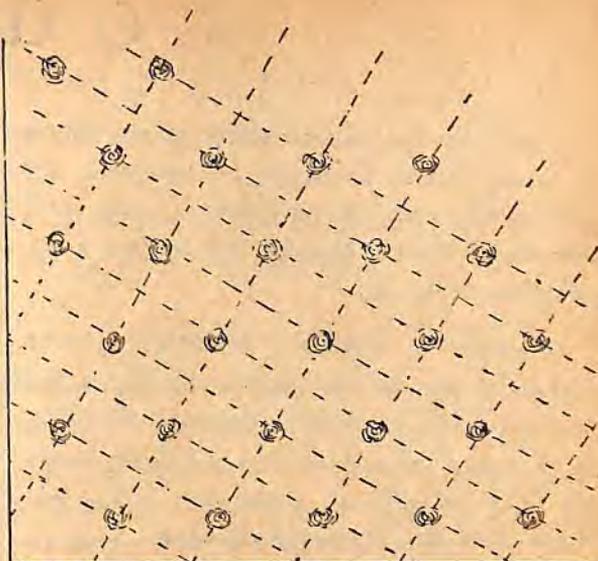


Fig. 5  
Alinhamento em triângulo equilátero (plantio definitivo)

sentam a casca luzidia, com a côr bem escura, etc.

Colhidos antes da época oportuna, não podem ser consumidos em virtude do sabor muito adstringente.

Uma vez colhidos devem ser imediatamente remetidos para os mercados consumidores mais próximos, pois, com o tempo, perdem o sabor agradável e refrescante.

**X — Doenças e pragas**

A jaboticabeira é uma árvore resistente, atacada por muitas pragas e algumas doenças.

Entre as pragas, são mais comuns entre nós, as seguintes:

a) Cochonilhas como a *Capulunia jaboticabae* e a *Capulunia crateriformans*, que atacam as folhas, os galhos, os troncos, etc. Nos casos de ataques muito intensos, podem ser podados alguns galhos mais atacados e depois destruídos pelo fogo. As pulverizações com calda-sulfocálcica são muito boas.

b) Piôlhos farinhentos como o *Neuleurodicus paulistas*, o *Pseudoaluerolobus jaboticabae*, etc. que atacam as folhas, galhos etc. As pulverizações com emulsão de sabão e querozene dão ótimos resultados.

c) Brocas como o *Cognatha amoena*, o *Crotosomus undabundus*, o *Oncideres dejeani*, etc., que atacam o tronco, os galhos, etc. O combate às brocas pode ser feito pela apa-

# C O U R O S

Sómente os couros relativamente livres de imperfeições alcançam os melhores preços, porque eles dão os produtos mais caros, tais como cintas, arneses, carruagens e mobiliários de couro.

Marcas e cicatrizes devidas ao berne, arames e marcas durante a vida do animal também afetam, contrariamente, os preços no mercado de couros. Os meios de extirpar os carrapatos do gado são — nos dias atuais — muito conhecidos e usados com sucesso, enquanto também se estuda o combate ao berne.

A marcação do gado é em si, uma das causas mais fortes na depreciação dos couros. As marcas, muitas vezes são aplicadas em ambos os lados, em qualquer parte, desde o ombro à cauda, e a sua queimadura é às vezes tão grande e profunda que as cicatrizes são visíveis e se fazem sentir até junto à carne do animal. Este assunto é de grande discussão, sendo inúmeras as sugestões para marcação do animal.

Os couros de animais atacados de carrapatos baixam em valor enquanto as marcas dos ferros e os buracos dos bernes limitam a área utilizável do couro e até o seu trabalho. O carrapato e o berne influem grandemente nos preços de mercado de gado em pé, tanto quanto no de couros. Note-se também que grande número de prejuízos nos couros advêm dos chifres dos animais e dos arames farpados das cêrcas. O descornamento do

gado e a substituição de arames farpados por outros processos trarão naturalmente o desaparecimento das causas de tais prejuízos.

Os fazendeiros e os açougueiros, a todo o momento, reclamam contra a grande diferença entre os preços que lhes são pagos pelos couros. E isto resulta de uma série de circunstâncias. Depois que o produtor vende o couro este passa por uma série enorme de processos, desde a negociação, transporte, tratamento, etc., até que seja convertido em o verdadeiro couro pronto para a industrialização. Ainda aqui ele passa por uma série de processos adicionais antes de se tornar em artigos manufaturados e postos à venda. Deve-se ter em conta que entre 10 e 30% de prejuízo vem dos couros serem mal-curtidos.

A grande diferença entre os preços do couro crú e dos artigos manufaturados, assim como dos preços exigidos pagos no interior pelos couros e peles em comparação com os que são pagos nos mercados depois de industrializados, também é devido a uma série de fatores os mais diversos. Deve-se ter em consideração que uma causa predominante é a seguinte: a inferioridade geralmente constatada dos couros e peles no interior em razão da indiferença e métodos impróprios de tratamento e trabalho e ausência de sistema seguro e definido de classificação e venda.

Três operações são importantes e devem merecer tôda atenção: a esfolia — a salga — a cura e a venda.

nha e destruição das mesmas, poda dos galhos mais broqueados, injeção de bisulfureto de carbono, etc.

Entre as doenças que atacam a jaboticabeias, podemos citar a ferrugem dos frutos, provocada pel *Puccinia rochae*.

Quando isso acontece, deve-se colher e

queimar os frutos atacados e pulverizar, após a colheita, com calda bordaleza a 1%.

## XI — Usos

A jaboticaba é muito apreciada ao natural, ou, sob a forma de geléias, vinhos, licores, etc.

Alguns defeitos mais comuns e seus remédios.

Damos a seguir uma relação dos defeitos mais graves e prevalentes na esfolagem, assim como, sugestões para que sejam corrigidos.

DEFEITOS	REMÉDIOS
A cabeça esfolada e retirada toda de uma vez .....	{ E' necessário cortar a testa em forma de cruz na base dos chifres e descer para o lado esquerdo.
A carne da bochecha do animal é deixada no couro .....	{ Facilmente removida com uma boa faca apropriada.
Maus cortes do ventre à cauda, feitos com facas pouco amoladas .....	{ Facas bem preparadas e usadas cuidadosamente. Bater e puxar o couro tanto quanto possível. Evitar de toda maneira cortar ou atingir até a superfície do couro.
Cortes mal feitos na barriga e nos lados do couro, devidos a talhos irregulares	{ Facas amoladas e cortes nos devidos lugares, entre a carne e o couro exatamente. Com uma mão se faz o corte do seu devido lugar e com a outra se remove a carne e se faz a limpeza.
Incisões mal feitas no pescoço e nos ombros	{ Com faca afiada, deslize-se o couro, puxando contra a faca e não enfiando a faca às cegas.
Retirada imperfeita dos ossos da cauda...	{ Corte com perfeição da parte de baixo e retirar inteiramente, de todos os ossos da cauda do animal.
Os cascos deixados no couro.....	{ Extraídos antes de esfolar as pernas do animal.
As orelhas não espichadas.....	{ Estender o couro no chão e espichar as orelhas completamente, o que permitirá o couro ficar inteiramente estirado enquanto estiver sendo curado.

E' extraordinário o número de fazendeiros e sitiantes que não sabem os tipos de couros para os vários mercados, seus valores e preços correspondentes.

Entretanto, as exigências dos mercados próximos devem ser verificadas, tanto como a variabilidade dos preços dos vários mercados, suas necessidades e sistemas de classificação. Todos esses processos são variáveis, convindo separar o produtor, o curtidor e o industrial.

Os produtores devem ter sempre em mente os seguintes pontos essenciais, os quais por sua vez exigem uma série de cuidados:

- 1° — a esfolia;
- 2° — salga e cura;
- 3° — embarque e distribuição.

#### A ESFOLA

1 — Antes de abater o animal este deve estar limpo e livre de lama, etc. Durante a esfolia deve-se evitar o sangue no couro;

2 — Quando sangrar, faça-o na garganta em comprido, nunca cortando em cruz;

3 — Na esfolia use com cuidado a faca e só no necessário, evitando cortes no couro ou na pele.

4 — Quando estiver esfolando use facas afiadas e boas, nunca denteadas;

5 — Note cuidadosamente os riscos no couro, distribuindo-os apropriadamente do peito à barriga e em partes trazeiras;

6 — Retire o couro sem deixar no mesmo ossos, carne, unhas, chifres, ou qualquer outro resto.

#### SALGA E CURA

7 — Conserve o couro ou a pele limpa e fóra d'agua;

8 — Depois da retirada do couro do animal, ponha-o estendido em um lugar fresco, sóco, escuro num espaço de 6 a 12 horas com a parte interna para cima, afim de que o calor animal desapareça completamente.

9 — Não deixe o couro ou pele secar fóra nem antes e nem depois de salgado;

10 — Não deixe enregelar;

11 — Sómente use sal limpo e fresco;

12 — Use sal à vontade, pois, muito não fará mal e pouco prejudicará. Empregue mais ou menos uma libra de sal para uma libra de couro;

13 — Salgue com cuidado as partes grossas como a cabeça e o pescoço, abrindo tudo muito bem, arejando e salgando.

#### EMBARQUE E DISTRIBUIÇÃO

14 — Antes de enfardar, retire o excesso de sal, sacudindo bem o couro;

15 — Enfarde cuidadosamente, conforme a natureza do couro ou da pele;

16 — Ampare e empacote com segurança, juntando-os bem. Verifique se não haverá possibilidade de se desatarem, assim como, o destino certo;

17 — Quando tudo pronto, embarque imediatamente;

18 — Negocie logo, evitando os intermediários;

19 — Não se esqueça nunca de que os lucros dependem muito da superioridade do couro e empregue-se sempre em aperfeiçoar os métodos práticos.

E' absolutamente necessário um aperfeiçoamento na indústria dos couros e peles, afim de que a mesma se coloque em bases mais econômicas.

Em muita cousa se fará nesta direção, com a continuidade de um comércio estritamente em bases de seleção e classificação, conforme os méritos respectivos, e evitando-se o mais possível as agências intermediárias que absorvem completamente os lucros. Com a anulação do intermediário e melhoria da qualidade dos seus produtos, os lucros serão maiores para o produtor. Uma é incentivo de outra.

# INDUSTRIA DE COUROS E PELES

Alguns dos principais fatores que fazem baixar o valor e materialmente afetam os preços no mercado de couros e peles.

CARATERISTICAS	ERRADO	CERTO
Esfola .....	Por pessoas se imprática .....	Por pessoas práticas .....
Talhos e incisões .....	Numerosos .....	Pouquíssimos .....
Amostras .....	Não uniformes .....	Uniformes .....
Tendões .....	Deixados no couro .....	Retirados .....
Mamas .....	Deixados no couro .....	Retirados .....
Ossos da cauda .....	Deixados no couro .....	Retirados .....
Papadas .....	Deixados no couro .....	Retirados .....
Cabelos (putrefação) .....	Muitos .....	Poucos .....
Granulações nocivas, arrancadas ou raspadas .....	Muitas .....	Poucas .....
Manchas de sal, devido ao emprego de sal sujo .....	Muitas .....	Poucas .....
Sal .....	Sujo e pouco .....	Sal gema limpo e abundante .....
Salga ou tratamento .....	Grande parte não inteiramente tratado. ....	Geralmente bem tratado. ....
Método de salga .....	Muitas vezes com salmoura. ....	Sempre sal curado. ....
Salga .....	Usualmente duas ou mais vezes. ....	Geralmente uma .....
Falsa pesagem .....	Em tonéis, usando substâncias estranhas ou água .....	Soltos .....
Manejo .....	Sem cuidado .....	Cuidadoso .....
Côr interna .....	Escura .....	Usualmente brilhante .....
Produção de couro .....	Baixa e incerta. ....	Alta e segura. ....
Couros secos .....	Muito queimados do sol e arruinados. ....	Nenhum .....
Endurecido .....	Frequentes no inverno. ....	Nenhum .....
Encolhidos .....	Muitos .....	Poucos .....
Couros grudados .....	Muitos .....	Poucos .....
Bernes .....	Mais de um classe 1. ....	Mais de 4 classe 2. ....
Quantidades .....	Pequenos lotes, algumas vezes couros simples. ....	Em vagões de carga em lotes e selecionados .....
Mercado .....	Complexo, com intermediários. ....	Simple, do produtor ao curtidor. ....
Métodos de venda do produtor. ....	Frequentemente em bruto .....	Sempre classificado e selecionado. ....
Standardização de classes e tipos .....	classificado .....	Standardização especificada. ....
	Sem standardização .....	

# Consultas e Informações

## APROVEITAMENTO DOS RESTOS DE COLHEITAS

Consulta-nos um consócio do Estado de Minas Gerais sobre a possibilidade do aproveitamento da palha de feijão como adubo.

“A palha de feijão, bem como outros resíduos de colheitas, podem ser transformados em um ótimo adubo orgânico, comumente chamado *composto*, muito recomendado para ser usado em substituição ao esterco animal. Para preparar esse adubo é preciso que se disponha, para cada 100 quilos de matéria orgânica, dos seguintes compostos, facilmente encontrados nas firmas que negociam com adubo:

Superfosfato .....	3 quilos
Nitrato de sódio ....	2 quilos
Calcáreo .....	2 quilos

A matéria orgânica deve ser colocada no solo, formando montes de até 2 ou 3 metros de altura e com as paredes verticais. Sobre cada 30 a 40 cm. de matéria orgânica distribui-se uma camada da mistura acima indicada, cobrindo-se com nova camada de matéria orgânica, sobre a qual coloca-se novamente a mistura e assim sucessivamente até atingir a altura conveniente, terminando sempre por uma camada de matéria orgânica. Para que a decomposição do material se processe normalmente, é preciso conservar o monte sempre umedecido.

No fim de pouco tempo, todo o material estará decomposto e em condições de ser aplicado como se fôra esterco de curral.

O composto deve ser aplicado na proporção de 20 a 60 quilos por 10 m<sup>2</sup>, conforme a natureza do solo e as necessidades da cultura.”

## UMA PRAGA DA COUVE

Respondendo ao Sr. L. M., nosso consócio do Distrito Federal, temos a informar:

a) pela descrição feita pelo consulente, trata-se, sem dúvida, de um inseto comumente chamado “pulgão da couve”;

b) esse inseto, que ataca de preferência a face inferior da folha da couve, do nabo, da nabiça, etc., causa muitos prejuízos aos horticultores;

c) a maneira mais eficiente de combater o pulgão consiste em retirar e destruir as folhas mais atacadas e pulverizar as plantas com a seguinte solução:

timbó em pó .....	30 gramas
sabão .....	100 gramas
água .....	10 litros

Para preparar esse inseticida dissolve-se o sabão em água morna, adiciona-se o timbó e completa-se com água até 10 litros.

## ENXERTIA DA MANGUEIRA

Esclarecendo a um nosso consócio do Estado do Rio de Janeiro que solicita instruções sobre a enxertia da mangueira, temos a informar:

“O método mais comumente empregado para a enxertia da mangueira é a encostia. Contudo, a garfagem e a borbulhia, sobretudo essa última, em algumas zonas têm dado bons resultados.

A encostia, apesar de mais morosa, é o método mais seguro para a enxertia da mangueira, podendo ser empregado qualquer processo de encostia desde que se disponha de bons porta-enxertos enlatados.

Os ramo-enxertos, provenientes de árvores de boa qualidade, devem ser sadios, vigorosos e portadores de boas gemas.

A garfagem, de preferência em fenda, deve ser feita a 0,15 m do solo, em porta-enxertos vigorosos com 0,01 a 0,02 m de diâmetro, no mínimo.

O garfo, com 0,10 a 0,15 m de comprimento, deve apresentar gemas bem engorgitadas e ser cortado em bisel duplo, de maneira a ajustar-se bem no corte longitudinal do porta-enxerto. A borbulhia deve ser feita a 0,10 a 0,15 m do solo, praticando-se no porta-enxerto, uma incisão em T direito ou invertido.

Os escudos, retirados de árvores sadias e vigorosas, devem ser cuidadosamente introduzidos nas incisões feitas nos porta-enxertos.

Qualquer que seja o processo empregado, o amarelo deve ficar bem ajustado, a fim de facilitar a soldadura.”

# DESERTOS OS CAMPOS

por Fábio Luz Filho

Já na primeira edição de "Rumo à Terra" acenâramos para a fórmula cooperativa como capaz de encaminhar para bases racionais o problema agrário, vendo na pequena e mesmo na média propriedade (sem deixarmos de reconhecer as virtudes das grandes propriedades produtivas com seus corolários de integração, etc.) instrumentos de fecunda transformação. Em 1931 lançámos em São Paulo "Cooperativismo e latifúndios" (atualmente com o título "Cooperativismo, corporativismo, colonização"), no qual percutimos a mesma tecla e exemplificámos exaustivamente com as reformas agrárias que se realizavam em países europeus, com as ressalvas pertinentes às nossas condições de meio e de formação.

Já então víamos no crédito agrícola um dos fatores da euforia, uma das faces mais assoberbantes de nossa questão agrária, seja em cooperativas específicas, seja em cooperativas mistas. Mais tarde foi árdua a luta que travámos no Ministério da Agricultura com os falsos cooperativistas e prégadores, em meio a incompreensões, indiferenças e coimas, à época ameaçantes... Em livros que se seguiram desenvolvemos o tema cooperativo sob todos os seus aspectos. E, passados tantos anos, os próprios quadros da 5.<sup>a</sup> edição (1942) dêse mesmo "Rumo à Terra" não poderão ter seus contornos modificados...

Regressámos há pouco do interior fluminense, onde nos demorámos. Vimos criadores, possuidores de centenas de alqueires, irem de automóvel à sede do município de Barra do Pirai à procura de escassas verduras, expostas à venda por meia dúzia de pobres vendedores ambulantes, nas calçadas... Outros vão à Barra Mansa comprar galinhas...

A um, estav-lhe valendo uma olaria que possuía. Ao tempo em que tinha 200 alqueires produzia mais leite do que agora, com 400.

Vimos Volta Redonda, na vibração de seu penacho de fumo, com seus "horistas" de mais de sete cruzeiros e o conforto de modernos bangalôs para operários...

Sentimos a mística da "serra abaixo", com o espelhar das indústrias de transformação fluminense e a imantação das grandes empresas manufatureiras (a descentralização

das indústrias) e de construção urbanas do Rio de Janeiro, com as consequentes garantias das leis trabalhistas, salários maiores, etc., o que possui a força de atração de focos de luz dirigidos sobre essa pobre gente.

Assim, humanamente, compreensivelmente, fogem às acritudes do trabalho rural que conhecemos no Brasil; falta de escolas, de estradas, de assistência técnico-social, de crédito, fixação à terra, etc. etc....

Fomos fazendeiros em Rodeio e conhecemos as latas de banha a servir de panelas sobre tijolos, as tristes casas de sapé, os giraus de bambú bambaleantes a servir de cama, o impaludismo anemiante, as mordeduras de cobras, a subnutrição, o desconforto, a espurcícia, o desânimo, a desesperança, a introversão, a discinésia...

Como se tornam imprescindíveis as cooperativas sanitárias!! Ou que as cooperativas agrícolas incluam em seus planos de ação o setor sanitário. Os americanos do norte procuram resolver êsses problemas assim.

As cooperativas sanitárias (Cooperative Health Association) estão sendo objeto das cogitações da **Farm Security Administration**, órgão federal (do Departamento de Agricultura) encarregado do amparo aos pequenos agricultores e do desenvolvimento do espírito associativo entre os mesmos no sentido de fazer face aos grandes proprietários individuais ou às pessoas jurídicas possuidoras de grandes propriedades, que se dilatam mercê da escassez crescente de mão de obra agrícola e da mecanização da lavoura norteamericana.

Exerce ela um papel relevante que objetiva substituir retrógradas monoculturas por uma policultura moderna, mediante reeducação profissional e assistência técnica assídua e fecunda.

Uma das cooperativas sanitárias fundadas pela **Farm Security Administration** localizou-se, em 1942, em Taos County, no Novo México, um dos condados de nível de vida mais baixo de toda a América do Norte. Nêle a população é de origem espanhola, falando quase exclusivamente o castelhano.

A mortalidade infantil constitui aí verdadeiro flagelo, calculando-se que 2/3 dos

falecimentos vêm de causas desconhecidas, à mercê que vivem de curandeiros, preferidos aos médicos, e temidos os hospitais como lugares parecidos com matadouros...

Os programas alimentares nas escolas tiveram de ser acompanhados de um combate contínuo às verminoses e outras moléstias.

A cooperativa sanitária (Health Cooperative Association) elaborou, supervisionada pela Farm Security, um vasto programa de ação. O Taos Projet, financiado pela Carnegie Corporation, de New York, recebeu-a bem, auxiliando-a. Movimentou médicos, dentistas, sacerdotes, professores, que dinamizaram o programa de recuperação econômica da Farm Security. Oitocentas famílias receberam de pronto a ação benéfica da cooperativa. A Farm Security auxiliou a campanha com 47.000 dólares em 1942.

Um símile dos "cículos de estudos" é adotado para fins de educação e na elaboração de programas.

Possuía a cooperativa 1.145 associados em 1942, isto é, 5.935 pessoas. O custo da assistência médica, dentária e hospitalar vai a 40 dólares anuais por família.

Só se admitem na cooperativa famílias com uma renda abaixo de 1.800 dólares.

A educação sanitária vai caminhando aos poucos, já se observam índices animadores nos cuidados pré-natais; não há mais o temor dos hospitais, etc.

Hábeis enfermeiras muito têm contribuído para estabelecer a confiança e até o uso da língua inglesa.

Essa obra vai tendo repercussão em outras comunidades rurais.

Hombreamos, de mãos calosas, no Estado do Rio, com sertanejos fluminenses e rijos caboclos nortistas, no arado e na enxada, no eito, subindo e descendo morros, a plantar arroz, a semear feijão e batê-lo no terreiro, a debulhar milho, etc...

Revimos, então, a cavalo, zonas que já conhecêramos como estudante (Saca Família, etc.) e tudo vimos como víramos em 1914 e agora se vê com côres mais sombrias...

Vira e revira a ampulheta do tempo e não se alteram os têrmos de nossos angustiosos problemas rurais...

Vimos lágrimas nos olhos dessa pobre gente, quando, acutilados pelos percalços da vida, passámos a fazenda a terceiros, deixando-lhes camas, que nunca haviam visto, e outros objetos de uso doméstico, que não conheciam...

E' tão forte aquela potência de atração

que, por aí afóra, numa extensão de 500 quilômetros do Rio, ouvimos agricultores saudosos da época em que pagavam aos trabalhadores rurais 6 cruzeiros diários.

No Estado do Rio, em fazenda que dirigimos, como dissemos, já pagávamos, em 1923, 5 cruzeiros e 50 centavos a sêco, os mais altos da zona, e com dificuldade conseguíamos gente, dedicados de preferência às indústrias devastadoras do carvão e da lenha, que já lhes davam 40 cruzeiros diários, e arrastados para o Rio pelas manufaturas e atividades outras. Disseram-me aqueles agricultores que, então, pagavam 6 cruzeiros diários e alguns davam casa, terra, leite e remédios aos seus trabalhadores rurais. Com terras que estão valendo 10.000 cruzeiros o alqueire, com dificuldades, dizem, conseguem limpar os pastos e plantar, mesmo a 25 cruzeiros diários. E, dizem, tardos e bisonhos são êsses trabalhadores.

Os válidos desaparecem, permanecendo os enfermiços (impaludismo, amarelão, etc.), as mulheres, as crianças e os velhos. O serviço militar também é fator de despovoamento. E as foices que duram horas e enxadas que duram um dia... A diferença entre os preços agrícolas e os industriais... Pás, enxadas, produtos farmacêuticos, tecidos, sal, etc... a preços astronômicos.

Em 1939 um rôlo de arame custava 30 cruzeiros; hoje, custa 200 cruzeiros; os grampos de cêrca passaram de Cr\$ 1,20 para Cr\$ 6,00; algumas utilidades subiram no interior de 1.000 a 2.000 por cento! Para roçar um alqueire de pasto pagava-se naquela mesma época (1939) de 70 a 80 cruzeiros; hoje, paga-se, quando se encontram trabalhadores a isso dispostos ou disponíveis, 450 a 500 cruzeiros. Criadores houve que me disseram que só uma subvenção ao produtor, acompanhada de transportes rápidos e adequados e da prioridade para a compra de forragens, além da intensificação da propaganda cooperativista (e da mecanização, dizemos nós,) poderia evitar uma situação de derrocada e um desastre para o consumo de leite no Rio de Janeiro.

Há ainda uma complicação de "atestos" e leite inutilizado no Rio. A falta de vasilhame obriga a desnatação de milhares de litros de leite, diàriamente, assim como a acidez elevada por falta de vasilhame e viagens em carros impróprios, nas estradas de ferro.

Quanto a hortaliças e frutas... que apelem para alguns colonos japoneses, judeus-alemães e finlandeses de Barra Mansa e

# Proibida a Exportação de Gêneros de Primeira Necessidade, Couros e Madeiras

## O Decreto Baixado a 22 de Agosto Pelo Governo

O presidente da República baixou, naquela data, o seguinte decreto:

"Art. 1.º — Os ministros de Estado dos Negócios da Agricultura e da Fazenda, dentro do mais breve prazo e pela forma que julgarem mais conveniente, promoverão inquéritos com o objetivo de verificar, com maior exatidão, o volume da produção e a estimativa de consumo dos gêneros de pri-

meira necessidade e mandarão proceder ao levantamento dos respectivos estoques no território nacional.

Art. 2.º — Enquanto não ficarem concluídas as providências recomendadas pelo artigo primeiro, fica proibida a exportação dos gêneros de primeira necessidade.

Art. 3.º — O ministro da Fazenda especificará, em portaria, os produtos

Rezende... Zonas há no Estado do Rio (Itaguaí, S. Gonçalo, etc.), e mesmo no próprio sertão carioca, onde um trabalhador rural noviço e faltoso pede mais de 30 cruzeiros diários para ser engajado.

Fazendeiros mineiros falaram-me do alarmante êxodo rural de Minas, não só de trabalhadores, senão também de proprietários. Os dois milhões de mineiros que deixaram Minas tangidos pela "política", pelo fisco, pelas autarquias, pela ausência de estradas, escolas, etc., não são uma fantasia. Sei de um fazendeiro mineiro que, possuidor de um milhão de pés de café, de muito gado e de uma produção de 15.000 sacos de açúcar, reduzida depois, pelo "mosaico" a 3.000, teve a sua usina inopinadamente lacrada, os seus cafezais reduzidos pelas quotas de sacrifício, e outras.

Entaipado em seu poder de produzir, meteu, desesperado, o gado no canavial, vendeu-o depois, abandonou a fazenda, vivendo hoje no Rio da renda de algumas casas... "Economia dirigida"... Cousas mais ou menos semelhantes se passaram com o leite...

As obras das duas novas reprêas em Pirai estão também atraindo trabalhadores rurais.

Nas zonas de Miracema, Pádua, S. Fidélis, etc., no geral só se encontram nas lides agrícolas mulheres e crianças, pois os homens rumaram para os grandes centros, para Volta Redonda, para as indústrias fluminenses, para Pirai, para o Rio.

Em Itaocara com dificuldades se conseguem trabalhadores de enxada a 15 cruzeiros diários para limpeza de canaviais.

Nem mesmo modernas casas de colonos têm servido como meios de fixação.

Há ainda o fisco voraginoso e os órgãos autárquicos e carrear contribuições para o Rio de Janeiro... Os fazendeiros de week end, enriquecidos nas indústrias urbanas, que pagam, para aterros, salários altíssimos...

O problema angustiante dos campos vem, assim, de longe... Aí estão paladinos como Spuius, Maelius, Licinius, Stolo, Lucius Sextus... O instituto romano da precária... Viríamos, posse da gleba, associação, crédito, mercados... problemas em perene equação... Questões conexas, dominantes do processo agrícola e seus epifenômenos.

Disse Luís Amaral, ao examinar com o brilho e a justeza de sempre, ao estudar a crise agrária nacional que "caracteriza fundamentalmente a desorganização rural brasileira, é isto: dos imóveis rurais recenseados, 78,00% do valor correspondem às terras, 18,50% às benfeitorias e 3,50% aos instrumentos de trabalho. Originariamente, tudo está aí. Como se um rapazinho, ao ficar órfão, herdasse imensos galpões vazios, sem um tear, sem um fuso; ou amplíssima loja no centro da cidade, de aluguel caríssimo, e vazia de mercadoias. A baixa percentagem do valor das benfeitorias mostra que, embora contingentemente agrícola, o brasileiro ainda vive abarracado, provisoriamente instalado, sem aquele mínimo de conforto exigido pelo corpo afim de produzir com eficiência; que a vida rural ainda é uma condenação, da qual se foge na primeira oportunidade; da qual só não foge quem perdeu mesmo a capacidade de reagir e o instinto de conservação. A miserável percentagem do valor dos instrumentos de trabalho demonstra, confirma, que o povo brasileiro é um desarmado, não dispõe de meios profissionais para produzir".

# UNIVERSIDADE RURAL

## Nomeado Diretor o Sr. Arthur Torres Filho, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura

Sob o título "Mentalidade Agrária", "O Jornal", de 25 de julho último, publicou o artigo que, *data venia*, transcrevemos:

"A nomeação do Sr. Arthur Torres Filho para diretor da Universidade Rural focaliza a existência da instituição que corôa o ensino agrônomo no Brasil. Não porque seja contra-indicada a investidura daquele professor nessa função, mas, ao contrário, porque a sua qualidade de presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, empenhada na organização das classes agrícolas do país, garante à Universidade uma direção capaz de aliar à competência teórica a atuação prática.

Efetivamente, essa orientação educacional é a que mais concorre à formação de uma mentalidade agrária no Brasil. Em geral, os nossos homens do campo não confiam muito nos jovens diplomados pelas escolas de agronomia e veterinária, porque os julgam demasiadamente imbuídos de preocupações técnicas e destituídos de conhecimentos experimentais.

O conceito é só em parte procedente, porque não nos faltam agrônomos e veterinários que, mal saídos dos respectivos cursos, se revelam aptos e eficientes nos serviços a seu cargo. Aliás, a mesma desconfiança pode inspirar os diplomados por outros estabelecimentos de ensino superior, como os de medicina, direito ou engenharia, por mais brilhantes que tenham sido em



Sr. Artur Torres Filho

suas carreiras escolares, pois a capacidade profissional só se apura verdadei-

cuja exportação fica proibida nos termos do artigo segundo, podendo ampliá-la ou reduzi-la a qualquer tempo, desde que verificada a deficiência ou a real existência de sobras dos respectivos estoques.

Art. 4.º — Fica proibida a exportação de couros e de madeiras em bruto ou compensadas.

Art. 5.º — Ao ministro da Fazenda será dado conhecimento das circuns-

tâncias especiais que possam determinar a conveniência de efetivar exportações destinadas à UNRRA ou ao cumprimento de acordos ou convênios internacionais, podendo excepcionalmente autorizar a necessária licença, mediante prévia ciência ao presidente da República.

Art. 6.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 7.º — Revogam-se as disposições em contrário".

# O Pensamento da Lavoura na Comissão Central de Preços

O Dr. Edgard Teixeira Leite, 2.º Vice-Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura e representante da classe rural nêsse órgão, fez, ao tomar posse dêsse cargo, a seguinte declaração:

“Ao assumir na Comissão de Preços, o cargo de representante da Lavoura — desejo deixar bem esclarecido o propósito — consoante a honrosa delegação que me foi conferida — de colaborar com os poderes públicos, dentro do mais alto e sadio espírito de servir o país, trazendo até aqui os anseios, reclamos e aspirações da agricultura brasileira.

Quero também, deixar bem esclarecido e fixado, que gostaria que esta Comissão tivesse tido outra designa-

ção — como é aliás a sua finalidade — a da organização da produção, por exemplo, do que a que lhe foi dada, porque os tabelamentos e fixação de preços são apenas um dos aspectos do problema.

Embora isso pareça secundário — a questão de nome, título ou rótulo — porque o que importa é a sua finalidade, — não quero esconder a apreensão que causou — nas camadas menos esclarecidas das classes rurais, a perspectiva de novas intervenções, através de tabelamentos dos produtos agrícolas — na vida já tão angustiada da lavoura nacional.

Sabem todos os aqui presentes, que o problema é mais de produzir e de distribuir, do que de coibir abusos de

ramente nas competições da vida prática.

Mas os nossos rurícolas são dos mais atrasados e rotineiros, em causa própria do abandono e da pobreza em que vegetam, não podendo assimilar, por isso, os ensinamentos da agricultura moderna, que exigem espíritos mais esclarecidos para a sua compreensão e execução. Dai, a necessidade de se levar às zonas agrícolas, por intermédio de técnicos bem orientados, as noções mais claras e objetivas sôbre os processos de exploração racional da terra.

À primeira vista, portanto, parecerá que, ao invés de criar uma Universidade Rural, deveríamos espalhar pelo interior do país, se possível em cada município, modestos cursos de ensino rural, aparelhados para formar bons profissionais para a agricultura e a pecuária. Mas justamente para isso é que precisamos de uma Universidade, como centro de preparação sistematizada de professores destinados a êsses cursos regionais, bem como de técnicos capazes de prestar assistência às atividades agro-pecuárias.

Não faltarão também os que condenem as grandiosas instalações do Instituto de Pesquisas Agronômicas, no qui-

lômetro 47, da Estrada Rio-São Paulo, sob o pretexto de que custam ao Tesouro Nacional avultadas somas, que seriam melhor empregadas em outros serviços às classes agrícolas, como a aquisição e distribuição de máquinas, ferramentas, inseticidas, sementes, etc. Mas tais instalações são indispensáveis à Universidade Rural, que não pode ser constituída apenas pelo conjunto de escolas especializadas, para imprimir ao ensino agronômico, através de pesquisas, experiências e observações nos laboratórios e no campo o cunho científico, realista e construtivo que deve informar a mentalidade agrária do país.

Com essa mentalidade solidamente formada pela influência da cultura e pelo contacto com a terra, será possível levantar o nível intelectual dos agricultores brasileiros, para conduzi-los aos processos mais adiantados do exercício de suas atividades e do aproveitamento das nossas reservas naturais. E só assim êles próprios poderão, organizando-se, fortalecendo-se e impondo-se pelo seu prestígio, exigir dos poderes públicos as soluções mais convenientes para problemas de seu interesse, que é também o interesse da Nação”.

# Escola de Horticultura "Wencesláo Bello"

## Curso Avulso de Horticultura

Ao Diretor dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão do Ministério da Agricultura, o Dr. Antonio de Ardua Câmara, Diretor da Escola de Horticultura "Wencesláo Bello", enviou o seguinte relatório apresentado pelos professores Geraldo Goulart da Silveira, Carlos Henrique Reiniger, Subael Magalhães da Silva e Pedro Goulart da Silveira Filho.

"O Curso de Extensão, grupo "A", realizado pela diretoria dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão, do Ministério da Agricultura, em colaboração com a Escola de Horticultura "Wencesláo Bello", obteve pleno êxito, conforme se verifica pelo resultado final dos exames realizados.

Iniciado no dia 17 de março, com 43 alunos inscritos, terminou no dia 28 de Julho, comparecendo aos exames 26 alunos.

A duração total do curso foi de 20 domingos, conforme havia sido previsto, não se registando, durante o curso, nenhuma falta dos professores.

Durante o referido curso foram ministradas 80 horas de aula, assim distribuídas:

40 horas de aulas de viveiros e multiplicação vegetal;

40 horas de aulas de defesa sanitária vegetal.

O exame prático oral, realizado no dia 28 de Julho, constou de questões práticas formuladas sobre as duas matérias componentes do curso, sendo cada aluno arguido pelos dois examinadores, durante cerca de 10 minutos com cada um deles.

Cada examinador atribuiu nota de 0 até 100, e a média do exame prático oral foi a nota aritmética dos dois examinadores.

preços — porque estes são apenas, e quase insanável consequência de produção escassa e de distribuição precária e pouco satisfatória das utilidades — geradores do câmbio negro e uma das causas do alto custo de vida.

A lavoura aceita como medida de emergência o tabelamento — mas o que ela pleiteia são medidas adequadas para uma organização eficiente, sem a qual a produção será sempre escassa e pouco remuneradora. O tabelamento puro e simples nunca criou utilidades e sempre concorreu para restringir a produção.

Medidas valiosas já têm sido propostas na Comissão. Outras têm de ser tomadas, notadamente a garantia de preços mínimos, de financiamento e que juntas à do barateamento dos transportes, o da organização do mercado do trabalho, do adequado armazenamento, permitindo a distribuição em condições mais razoáveis, já aqui aventados, irão criar nas classes rurais, a confiança, em torno da obra de que está incumbida esta Comissão.

Posso assegurar que as atividades da Comissão, estão sendo atentamente observadas pela lavoura de todos os recantos do país.

Já estou recebendo, dos seus mais variados setores, sugestões e valiosas palavras de esperança e também de desconfianças.

Medidas isoladas — embora acertadas — pouco poderão influir, para o barateamento da vida. O que urge é suprir deficiências, visando resolver o problema essencial, que é o da organização da produção.

São verdades de todos aqui sabidas — de todos os que constituem esta Comissão em que o governo reuniu tão valiosos colaboradores, e que poderá realizar uma obra verdadeiramente notável, apontando o conjunto de medidas, indispensáveis para se crie a confiança e se organize a produção — no seu mais largo e amplo sentido — nos diversos setores da vida rural.

São verdades seduzidas e por demais conhecidas, mas, que, em última análise, representam a solução do problema do barateamento da vida, que é um dos fins desta Comissão — barateamento, que pode e deve ser feito, sem o sacrifício inútil — inútil e perigoso — das classes rurais — de que dependem as populações urbanas, para a sua alimentação e para suprimento de matéria prima para as indústrias".

Foi o seguinte o resultado desse exame:

Adercides Antunes de Souza, 98; Agrícola Castello Borges, 100; Alberto d'Azevedo, 97; Alcy Fausto de Souza, 97; Alvaro de Miranda Filho, 100; Antenor Araujo Viana, 99; Antonio Carlos de O. Cunha, 99; Claudionor Juvenal de Souza, 95; Deny Fausto de Souza, 97; Dirceu Ramos Neves, 94; Emilio Rocha Filho, 97; Gélío Cândido Siqueira Ferreira, 93; George Procter, 99; Humberto Accioly Tenorio, 99; Isaias Corrêa dos Santos, 99; José Alves da Silva, 98; Júlio Vieira, 90; Manoel Esteves Pereira, 95; Mozart Carneiro Dantas, 86; Ney Gomes Jobim, 89; Milton Teixeira, 90; Oldemar Machado, 94; Paulo Mattioli, 95; Waldyr Gonçalves da Cunha, 100; Walter Jorge de Azevedo Mattos, 100, e Walter Paulo Fontes, 95.

De acôrdo com o regimento do referido Curso, foi atribuída no exame uma nota de tarefa.

Essa nota foi a nota aritmética entre as notas dadas pelos respectivos professores, relativas aos trabalhos práticos realizados pelos alunos, no decorrer do Curso.

Foi o seguinte o resultado das notas da tarefa:

Adercides Antunes de Souza, 90; Agrícola Castello Borges, 100; Alberto d'Azevedo, 93; Alcy Fausto de Souza, 95; Alvaro de Miranda Filho, 100; Antenor Araujo Viana, 100; Antônio Carlos de O. Cunha, 100; Claudionor Juvenal de Souza, 90; Deny Fausto de Souza, 94; Dirceu Ramos Neves, 90; Emilio Rocha Filho, 94; Gélío Cândido Siqueira Ferreira, 90; George Procter, 100; Humberto Accioly Tenorio, 100; Isaias Corrêa dos Santos, 100; José Alves da Silva, 95; Júlio Vieira, 82; Manoel Esteves Pereira, 90; Mozart Carneiro Dantas, 78; Ney Gomes Jobim, 85; Nilton Teixeira, 85; Oldemar Machado, 92; Paulo Mattioli, 93; Waldyr Gonçalves da Cunha, 100; Walter Jorge de Azevedo Mattos, 100, e Walter Paulo Fontes, 92.

A nota final de aprovação, de acôrdo com o regimento do Curso, foi a média aritmética entre as notas de tarefa e do exame teórico-prático.

O resultado final foi, portanto, o seguinte:

Adercides Antunes de Souza, 94; Agrícola Castello Borges, 100; Alberto d'Azevedo, 97; Alcy Fausto de Souza, 97; Alvaro de Miranda Filho, 100; Antenor Araujo Viana, 99; Antônio Carlos de O. Cunha, 99; Claudionor Juvenal de Souza, 95; Deny Fausto de Souza, 95; Deny Fausto de Souza, 97; Dirceu Ramos Filho, 94; Emilio Rocha

93; George Procter, 99; Humberto Accioly Tenório, 99; Isaias Corrêa dos Santos, 99; José Alves da Silva, 98; Júlio Vieira, 99; Manoel Esteves Pereira, 95; Mozart Carneiro Dantas, 86; Ney Gomes Jobim, 89; Nilton Teixeira, 90; Oldemar Machado, 94; Paulo Mattioli, 95; Waldyr Gonçalves da Cunha, 100; Walter Jorge de Azevedo Mattos, 100; Walter Paulo Fontes, 95.

O resultado acima demonstra, não só a eficiência do Curso, como também o interesse dos candidatos."

#### NOVOS VIVEIRISTAS

Ao Diretor dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão do Ministério da Agricultura, o Dr. Antonio de Arruda Câmara, Diretor da Escola de Horticultura "Wenceslao Bello", enviou o seguinte relatório apresentado pelos professores Geraldo Goulart da Silveira e Carlos Henrique Reinger:

"O Curso Avulso de Horticultura, realizado pela Diretoria dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão do Ministério da Agricultura, em colaboração com a Escola de Horticultura "Wenceslao Bello" obteve pleno êxito, conforme se verifica pelo resultado final dos exames realizados.

Iniciado no dia 1.º de Abril de 1946 com 11 alunos inscritos, terminou no dia 31 de Agosto, comparecendo aos exames 9 alunos.

A duração total do curso foi de 18 semanas, como havia sido previsto, não se registrando nenhuma falta dos professores, durante todo o curso.

Durante o Curso Avulso de Horticultura foram ministradas 216 horas de aulas, assim distribuídas: 72 horas de aula de horticultura especial; 54 de horticultura geral; 54 de Defesa Sanitária Vegetal e 36 de Contabilidade.

Durante o curso foram realizados pelos alunos todos os trabalhos de instalação, aproveitamento, exploração e administração de hortas, tendo sido instaladas nos terrenos da Escola duas grandes hortas, cultivadas pelos próprios alunos.

O exame escrito, realizado no dia 31 de Julho, das 13 às 15 horas, constou de 12 questões (três relativas a cada uma das matérias do Curso), formuladas, no momento, pelos respectivos professores.

A cada grupo de três questões foi atribuído o valor máximo de 25 pontos. A nota

# EXPORTAÇÃO DE ZEBÚS

## Fundada Uma Sociedade Comercial Com Esse Fim Especial

O zebú brasileiro, que representa uma autêntica vitória dos criadores patricios, já merece, atualmente, a preferência dos pecuaristas das regiões tropicais de todo o mundo. Todavia, o Brasil só poderá conquistar os mercados externos oferecendo garantias absolutas da sanidade de seus reprodutores.

Nesse sentido, é oportuno ressaltar que, justamente contra a aftosa, já possuímos uma excelente vacina preventiva, aperfeiçoada pelo veterinário Silvio Torres, ora convidado, pela Inglaterra, para participar da próxima Conferência da Organização de Alimentação das Nações Unidas.

Por outro lado, segundo revelou à imprensa o ministro Neto Campelo Junior, o estabelecimento de um posto de quarentena para animais, localizado na ilha de Swan, Mar das Caraíbas, foi virtualmente assegurado por legislação emanada do Congresso dos Estados Unidos em 17 de julho, com facilidades que serão postas à disposição de todos os países interessados. Será possibilitada, assim, sob regulamentos a serem estabelecidos, a entrada de gado nos Estados Unidos, cujo acesso até aqui era vedado, mesmo de países onde não haja a aftosa, por falta de controle eficiente, que, já agora, poderá haver.

Além dessa auspiciosa notícia, acrescenta-se a circunstância de estar o Governo brasileiro estudando um convênio para propôr aos Estados Unidos, México e outros países interessados, visando facilitar as exportações de zebús e auxiliar, desse modo, a pecuária do Brasil Central.

Tais perspectivas e possibilidades estão animando os criadores patricios, notadamente os que se dedicam à alta seleção do zebú. Com o mesmo espírito de luta daqueles que, há mais de 50 anos, introduziram o gado indiano no Brasil, os criadores de hoje, apesar dos obstáculos que tem surgido, tudo fazem para levar o resultado de seus trabalhos seletivos às regiões que estão necessitando de reprodutores para melhoria de seus rebanhos.

Confiante, assim, na ação do Governo e inspiração nos mais sadios propósitos de expansão de uma riqueza, que tanto pode beneficiar os criadores nacionais quanto os estrangeiros, um grupo de pecuaistas brasileiros acaba de fundar, com sede em Uberaba, a Exportadora Zebú S. A. Desse grupo fazem parte nomes conceituados e representativos da nossa classe rural, alguns conhecidos até no exterior, como os de Mario de Almeida Franco, vice-presidente da Sociedade Rural do

do exame escrito foi a soma das notas parciais dadas pelos professores.

Foi o seguinte o resultado desse exame:

Antonio Carlos de Oliveira Cunha, 82; Arthur Valdetaro, 76; Avelino Ferreira Wenzel, 69; Dirceu Ramos Neves, 73; Hélio Tavares, 59; Ismael de Oliveira Pacheco, 75; Moacyr Rosalém, 69; Rubens Simões Lopes, 58; Waldyr Gonçalves da Cunha, 95.

O exame prático-oral, realizado no mesmo dia, das 15 às 17 horas, constou de questões práticas e teóricas, formuladas sobre as quatro matérias componentes do curso, sendo cada examinando arguido pelos quatro examinadores durante cerca de 15 minutos, com cada um deles.

Cada examinador atribuiu nota de 0 até 100, e a média do exame prático-oral foi a média aritmética entre as notas dos quatro examinadores.

Foi o seguinte o resultado desse exame:

Antonio Carlos de Oliveira Cunha, 93; Arthur Valdetaro, 97; Avelino Ferreira Wenzel, 88; Dirceu Ramos Neves, 64; Helio Tavares, 78; Ismael de Oliveira Pacheco, 80; Moacyr Rosalém, 94; Rubens Simões Lopes, 88; Waldyr Gonçalves da Cunha, 100.

A nota final de aprovação, de acordo com o regimento dos cursos avulsos, é a média aritmética entre as notas de exame prático-oral e escrito.

O resultado final foi, portanto, o seguinte:

Antonio Carlos de Oliveira Cunha, 88; Arthur Valdetaro, 87; Avelino Ferreira Wenzel, 79; Dirceu Ramos Neves, 69; Helio Tavares, 69; Ismael de Oliveira Pacheco, 78; Moacyr Rosalém, 82; Rubens Simões Lopes, 73; Waldyr Gonçalves da Cunha, 98.

# COOPERATIVA DE COTIA

## O Relatório dos Serviços, Apresentado Pelo Dr. Manoel Carlos Ferraz de Almeida

O dr. Manoel Carlos Ferraz de Almeida, diretor presidente da Cooperativa de Cotia, de São Paulo, em assembléia geral extraordinária realizada recentemente, teve oportunidade de apresentar o relatório dos serviços do ano social de 1945/46, cujo movimento é um atestado eloquente da obra produtiva e elogiável que vem realizando sua diretoria. E' por êsse documento que podemos comprovar o valor do sistema cooperativista, quando honestamente seguido sobrepondo-se as barreiras derrotistas.

Para melhor aquilatar a empresa progressista que vem realizando a Cooperativa de Cotia, vamos transcrever, resumindo, o relatório do dr. Ferraz de Almeida, o qual vale como um estímulo à quantos se entregam ao sistema gerado em Rochdale e cooperam na produção e prosperidade do nosso país.

Inicialmente diz: — “A idéia cooperativista, indiscutivelmente, está em marcha no Brasil”; comenta então que o exemplo da Cooperativa de Cotia é típico, com uma área de ação com base em dezenas de municípios vizinhos à capital de São Paulo e à margem de ramais ferroviários extendendo-se também pela linha fluvial. Rememora que há 18 anos, pouco mais de 80 lavradores constituíram a sociedade e hoje ela conta com 3.600 associados, o que transformou a organização na

maior cooperativa agrícola do país, sob a missão social de abrandar os antagonismos entre a riqueza e a pobreza. A cooperativa abriga, presentemente, entre associados, colonos e agregados, o total de 23.864 pessoas, o que oferece uma clara idéia das responsabilidades que pesam na consecução dos fins da organização. Do esforço dêsse pequeno Estado, os serviços de vendas, compras, crédito, assistência social e outros, atingiram as cifras de Cr\$ 260.440.159,30, com um aumento de Cr\$ 32.239.536,90 sobre o movimento do exercício anterior. Com o capital social acrescido do fundo de reserva, sobras líquidas e depósitos, que soma Cr\$ 46.914.831,70 dando um aumento sobre 1944/45 de Cr\$ 9.094.325,10, revela o ótimo estado financeiro da Cooperativa, a qual conta ainda nos Bancos, em disponibilidades, de Cr\$ 7.052.520,80, fato sem precedentes na história da nossa sociedade e numa organização que jamais visou obtenção de lucros nas suas operações, defendendo, entretanto, a economia particular dos seus filia-dos, aumentando a sua produção e elevando seu nível de vida.

O interessante é que com o movimento superior a 260 milhões de cruzeiros, as sobras líquidas foram apenas de Cr\$ 5.051,40.

Nesse exercício a diretoria resolveu au-

Triângulo Mineiro e que já percorreu quase todos os países americanos: Nicomedes Alves dos Santos, grande fazendeiro em Uberlândia e que, recentemente visitou a Colômbia e a Venezuela; João Napoleão de Andrade, representante da pecuária junto ao Govêrno Fderal; Luiz J. Ench, João Pinheiro da Silva, Theodoro Eduardo Duvivier, Osorio Adriano da Silva, Francisco Neves, todos proprietários rurais que, de há muito, vêm tabalhando pelo desenvolvimento e melhoria da criação nacional.

A nóvel sociedade, cujo capital social é vultoso, conta com excelentes plantéis de reprodutores zebús, frutos do esforço perseverante de seus componentes que desejam, assim, dentro do mais sadio intercâmbio, livre

de surpresas desagradáveis, conquistar mercados para o nosso gado, pelo qual tanto se interessam criadores do México, Estados Unidos, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Perú, Guatemala, Paraguai e de outros países, inclusive da Argentina, para o extremo norte de seu território.

Para completar o esforço de outros criadores que, no México, demonstram o valor do gado brasileiro, numa tentativa corajosa e louvável, surge agora a Exportadora Zebú S. A., sob os auspícios de uma nova éra que promete os mais animadores resultados para a pecuária tropical.

(Transcrito de “O Globo” de 31-7-46).

# NOTICIÁRIO

## ARGENTINA, O MAIOR CONSUMIDOR DO CHÁ BRASILEIRO

Informa o Serviço de Economia Rural que em São Paulo a cultura do chá, na Ribeira de Iguape, vem se desenvolvendo satisfatoriamente. A variedade Assan tem encontrado o melhor acolhimento pelo público consumidor. A exportação do produto vai sempre crescendo. Em 1945, exportaram-se 315.828 quilos, no valor de Cr\$ 4.215.521,70.

O nosso maior consumidor estrangeiro é a Argentina, a seguir o Chile e após o Uru guai, Espanha, Irlanda e outros.

## O AÇÚCAR

Em declarações a um vespertino, o General Escarcela Portela informou que falta de açúcar propriamente não há. O que deve existir é irregularidade na distribuição. Assegurou que as usinas dispõem do produto em quantidades suficientes a atender às necessidades do consumo no Rio. E, para prová-lo, adiantou que mandaria fazer inspeções a fim de verificar as verdadeiras causas da ausência do açúcar nos armazéns.

## IMIGRANTES PARA O BRASIL

Ao iniciar a sua viagem pelo interior de São Paulo, o ministro João Alberto e vários

técnicos norte-americanos e ingleses, que estudam as condições de ambinetação e possibilidades econômicas e agrícolas para os imigrantes que virão da Europa, informou que receberemos mais de 800 mil, saídos de vários países, sendo 164 mil agricultores, 400 mil mulheres e menores, além de 300 mil outros trabalhadores em várias atividades. Os imigrantes começarão a chegar a partir de Outubro e Novembro deste ano.

## NOVA VARIEDADE DE TRIGO RUSSO

Informam de Londres que nova variedade de trigo russo, a "noukrainka-83", obtida recentemente nos laboratórios de pesquisas agrícolas de Krasnodar, teria mais qualidades de resistência às intempéries e um rendimento de trinta por cento superior ao das melhores variedades conhecidas no mundo.

## ALGODÃO RUSSO PARA A GRÃ BRETANHA

As primeiras quantidades realmente importantes de algodão produzido na Rússia Soviética chegaram recentemente a Liverpool. Antes da guerra, as usinas de fiação inglesas já se haviam manifestado favoravelmente impressionadas pelas excelentes qualidades do algodão russo. Agora acredita-se que as mes-

mentar os salários dos funcionários em geral, atingindo o benefício a soma de Cr\$ 927.797,40 além de gratificações que somaram Cr\$ .... 563.734,90.

Essa exposição termina com o seguinte tópico: "O cooperativismo no Brasil tem um passado muito recente e, no entanto, por atender às exigências da época, está realizando grandes conquistas. Portanto, a limitação das suas atividades será sempre condenável, particularmente, do ponto de vista do interesse da economia nacional".

Ainda no reatório verifica-se o ótimo movimento de vendas, cujo serviço distribuiu nada menos de 60 espécies e mais de 200 variedades de produtos agrícolas, notando-se ao lado da batata, legumes, etc., o mentol, o chá, a banana, o algodão, etc., estes últimos produtos destinados a mercados estrangeiros.

E' interessante a transcrição desses dados, que oferece o seguinte:

	Cr\$
Batata .....	36.889.071,00
Tomate .....	32.737.260,10
Ovos .....	13.014.803,30
Carvão .....	1.488.909,30

Na parte referente às frutas, eis alguns dados; 1.679 caixas de abacate, que valeram Cr\$ 89.561,60; ameixas, 1.636 caixas, Cr\$ 63.474,30; bananas, 100.820 cachos, 965 mil cruzeiros, morango, 138.107 cestas, 680 mil cruzeiros.

Esses dados fazem da Cooperativa de Cotia, uma organização econômica modelar no país, exemplo que deve ser seguido, com a mesma honestidade, por quantos cultivam a terra na imensidão territorial do nosso Brasil.

mas foram consideravelmente melhoradas, por meio de pesquisas mais recentes, e que fazem do algodão russo um produto comparável às melhores qualidades de algodão americano.

### 10.000 CAMINHÕES

A Associação Comercial de São Paulo informou-se que o Ministro da Fazenda baixaria uma portaria liberando a venda de chassis para caminhões e ônibus. O Sr. Rui Fonseca, vice-presidente da Associação, adiantou que os Estados Unidos, por intermédio das fábricas Ford, Internacional e General Motors, enviarão ainda este ano dez mil caminhões para o Brasil. As nossas necessidades anuais são de 15 mil veículos.

### DISTRIBUIÇÃO DE MUDAS PELO HORTO FLORESTAL DE LORENA

O Serviço Florestal do Ministério da Agricultura está trabalhando ativamente no reflorestamento do país. Dia para dia chegam demonstrações do interesse com que os lavradores procuram mudas de essências florestais para o plantio nas suas terras já devastadas pelo fogo e pelo machado.

O Horto Florestal de Lorena, no Estado de São Paulo, em relatório de Julho, dá conta da distribuição de 168.618 mudas para esse fim. Tem ainda prontas para entrega imediata cerca de 300.000 mudas, que poderão ser procuradas pelos interessados, no local.

### A IMPORTAÇÃO DE FERRAMENTAS E OUTROS UTENSÍLIOS AGRÍCOLAS

O Presidente da República assinou um decreto-lei concedendo isenção de direitos de importação e demais taxas aduaneiras, até o fim do corrente ano, para as ferramentas agrícolas, tais como: enxadas, enxadões, gadanhos, picaretas, pás e mais utensílios de lavoura; ancinhos (ferramenta grossa); arame farpado e liso; desnatadeiras, batadeiras, baldes próprios para ordenha, utensílios e materiais para pecuária; ferramentas e utensílios de veterinária e tubos de ferro galvanizado e de cimento.

### O TRIGO EM GOIAZ

Informa um vespertino que o Sr. Luiz Godoi, chefe da Sub-Estação Experimental do Trigo em Anápolis, que vem há vários anos incentivando a cultura desse cereal em Goiás, declarou que, no Campo Experimental sob a

sua direção, experimentou em cada cinco hectares de terreno 33 variedades, tôdas com resultados variantes segundo a adaptação. Disse ainda que tem obtido três colheitas por ano, o que representa uma perfeita propriedade do nosso clima e das terras goianas àquela cultura.

### LARANJAS PARA A INGLATERRA

O navio-frigorífico "Pacific Express", que há pouco zarpou do porto do Rio de Janeiro, veio fretado pelo governo inglês e, desta vez consignado à Lamport Holt Line, a fim de transportar 70.000 caixas de laranjas brasileiras para a Inglaterra.

### TRIGO AMERICANO PARA O RIO GRANDE

A Pôrto Alegre regressou da Argentina o Sr. Jardelino Ribeiro, superintendente da Comissão de Abastecimento, que fôra tentar obter trigo para o Estado. As negociações não foram bem sucedidas, tendo entrado em contacto com firmas exportadoras norte-americanas, que se comprometeram a abastecer o Estado, desde que obtenham ilcença do governo americano. Neste sentido, o governo riograndense já se dirigiu às autoridades norte-americanas.

### ESTUDOS E PROJETOS DE NUCLEOS COLONIAIS

O Banco do Brasil foi autorizado pelo Ministro da Fazenda a abrir o crédito de Cr\$ 500.000,00, no Ministério da Agricultura, para atender às despesas com os estudos e projetos de núcleos coloniais.

### MILHARES DE TONELADAS DE COURO PARA A RÚSSIA

Segundo um jornal de São Paulo, milhares de toneladas de couro seguiriam para a Rússia, pelo vapor "Bakú". Comentando o fato adianta que esse embarque acarretará indiscutivelmente um aumento substancial no preço já elevadíssimo do produto e, conseqüentemente, no preço dos calçados nacionais.

### OLEO DE CAROÇO DE ALGODÃO

Devido à escassez do produto, foi racionada em São Paulo a venda do óleo de caroço de algodão. Cada consumidor receberá um litro mensalmente, e a entrega da merca-

doria será feita no armazem habitual, mediante a apresentação do cartão de racionamento do açúcar.

### ALGODÃO PARA A INGLATERRA

Grandes partidas de algodão brasileiro, egípcio e soviético chegaram ultimamente ao pôrto de Liverpool. De acôrdo com os dados disponíveis, as reservas no pôrto e nas fábricas são satisfatórias e as ofertas têm correspondido, com vantagem, à procura. As recentes elevações verificadas no preço do algodão nos centros produtores determinarão, espera-se, nova elevação das cotações de Liverpool.

### ARROZ BRASILEIRO CHEGA A MADRAS

Cêrca de 10.000 toneladas de arroz brasileiro chegaram a Madras, a bordo do vapor britânico "Cressington Court". A província de Madras é uma das áreas da Índia mais afligidas pela escassez, havendo mesmo ameaça de fome.

### A PESTE SUINA

Uma comissão de fazendeiros da Alta Sorocabana, esteve no Palácio Guanabara, a fim de entregar ao Presidente da República um memorial solicitando medidas contra a peste suína, que está grassando naquela região.

No memorial é sugerida a decretação da moratória para os criadores e pedido financiamento para novas criações de suínos, bem como o seguro sôbre os riscos da peste.

### PLANO INTERNACIONAL DE AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO

Informam de Londres que o plano alimentar internacional, destinado a evitar a fome e a impedir a crise agrícola de 1949, foi agora revelado por Sir John Boad Orr, diretor-geral da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas. Declarou que na Conferência da Organização, em Estocolmo, marcada para Setembro — dois meses antes do prazo, devido à urgência do problema — submeteria o plano de um "bureau" alimentar, para substituir o atual Conselho Alimentar Mundial. Foi proposto que o "bureau" estabilizasse os preços no mercado internacional, estabelecesse uma reserva mundial de alimentos e desenvolvesse a agricultura nos países atrasados. Teriam representações no "bureau" as organizações internacionais de comércio e finanças e de agri-

cultura e alimentação. "Se não adotarmos este plano ou um outro que o substitua, teremos em 1949, ou talvez mesmo em 1948, uma série crise agrícola, resultante da enorme safra de 1937, que pode causar uma baixa repentina".

### OS LATICÍNIOS EM ALAGOAS

No município de Pão de Açúcar foi inaugurada uma usina de laticínios construída pela Cooperativa dos Criadores locais.

A nova usina tem capacidade para industrializar 25.000 litros de leite diários e é a mais moderna de todo o nordeste.

Os produtos de sua fabricação são manteiga e queijo de vários tipos.

### REDUZIDA UMA DOTAÇÃO AO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

O Presidente da República assinou decreto-lei, reduzindo de Cr\$ 1.000.000,00 para Cr\$ 940.000,00 a dotação concedida ao Ministério da Agricultura na verba 3 — serviços e encargo, consignação 1 — diversos, sub-consignação 15 — defesa sanitária animal e vegetal, 19 — Departamento Nacional da Produção Animal, 03 — Divisão de Defesa Sanitária Animal, a) profilaxia e combate às epizootias, do anexo n. 14, art. 3.º, do decreto-lei n. 8.496, de 28 de Dezembro de 1945.

### A CAIXA DE CRÉDITO COOPERATIVO TEM NOVO PRESIDENTE

O Presidente da República assinou decretos concedendo exoneração ao Sr. José Arruda de Albuquerque do cargo de Presidente da Caixa de Crédito Cooperativo, e nomeando para substituí-lo o Sr. Lafayette Veloso Rezende.

### O BANCO DA BORRACHA

O Ministro da Fazenda, em ofício dirigido ao Presidente da Assembléia Nacional Constituinte, comunicou que a indicação número 53-A, da autoria do deputado Deodoro de Mendonça foi adotada pela Comissão de Reestruturação do Banco de Crédito da Borracha e aprovada em plenário na reunião promovida por aquela Secretaria de Estado, para estudo e debate dos assuntos relativos ao problema da borracha.

### A LEI ORGANICA DO ENSINO AGRÍCOLA

O Presidente da República promulgou, a 20 de Agôsto, a Lei Orgânica do Ensino Agri-

cola e, por outro decreto-lei, estabeleceu as disposições transitórias para sua execução. Ainda por outro ato, aprovou os currículos do ensino agrícola.

A lei promulgada trata:

No título I, da disposição preliminar; no título II, da organização do ensino agrícola; no capítulo I, das finalidades do ensino agrícola; no capítulo II, dos princípios gerais de ensino agrícola; no capítulo III, dos ciclos e dos cursos; no capítulo IV, dos títulos de estabelecimento de ensino; no capítulo V, da articulação do ensino agrícola e deste com outras modalidades de ensino; no título III, dos cursos de formação; no capítulo I, da estrutura dos cursos; no capítulo II, dos trabalhos escolares e complementares; no capítulo III, da divisão e distribuição de tempo na vida escolar; no capítulo IV, da vida escolar; no capítulo V, da instrução moral e cívica; no capítulo VI, da orientação educacional e profissional; no capítulo VII, da educação religiosa; no título IV, dos cursos de continuação e de aperfeiçoamento; no capítulo I, dos cursos de continuação; no capítulo II, dos cursos de aperfeiçoamento; no título V, do ensino agrícola feminino; no título VII, da organização escolar; no capítulo I, dos estabelecimentos de ensino agrícola federais, equiparados e reconhecidos; no capítulo II, da administração escolar; no capítulo III, do corpo docente; no capítulo IV, da construção e do material escolares; no capítulo V, do ensino primário nas escolas de iniciação agrícola; no capítulo VI, da organização e regime em cada estabelecimento de ensino; no título VI, do regime disciplinar; no título VII, da iniciação agrícola para os maiores de dezessete anos; no título VIII, da educação agrícola circunvizinha; no título IV, das providências previstas para o desenvolvimento do ensino agrícola; no título X, das disposições finais.

#### **FOMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL NA FABRICA NACIONAL DE MOTORES**

Em dia do mês passado, os chefes das seções de Fomento Agrícola nos Estados, reunidos nesta capital, propuseram ao governo a criação de um plano de emergência para o fomento da produção vegetal, pedindo a abertura de um crédito de 50 milhões de cruzeiros.

Poucos dias depois foi assinado um decreto-lei e distribuída a importância ao Departamento Nacional da Produção Vegetal. Quando estavam sendo estudadas as propostas de compra de ferramentas, material es-

casso no momento, chegou uma ordem para que as primeiras ferramentas adquiridas pela verba deveriam ser mandadas para a Fábrica Nacional de Motores, a fim de ali, a poucos quilômetros da capital, ter início o plano de emergência. Determinava-se ainda que fossem enviados dois tratores para auxiliar os ditos trabalhos que, com toda certeza, aumentarão a produção de gêneros alimentícios destinados à fábrica.

#### **REVISÃO DO ACÓRDO CAFEIRO ENTRE O BRASIL E ESTADOS UNIDOS**

Noticiam de Washington que o Departamento de Estado anunciou que os Estados Unidos e o Brasil chegaram a um entendimento no sentido de ser revisto o Acórdo Caffeiro entre os dois países, de modo a torná-lo consentâneo com os nossos preços-teto de clarados pela Administração de Preços (OPA). A notícia oficial fornecida pelo Departamento diz que o respectivo "Memorandum de Entendimentos" foi assinado pelo embaixador do Brasil, Sr. Carlos Martins, e pelo assistente do secretário de Estado, Sr. Spruille Braden, e contém as seguintes estipulações: 1.º — Será aumentado em 8.32 cents. por libra o preço-teto do café erú, posto nas docas de Nova York; 2.º — O Brasil manterá os seus preços mínimos de exportação e suas taxas de exportação do café no Brasil, conforme vigoram atualmente; 3.º — O Brasil manterá a taxa cambial, a fim de manter constantes o fornecimento de café e os respectivos preços; 4.º — Dentro do novo acórdo, o Brasil, se a tal fôr citado pelos Estados Unidos, poderá lançar café nos mercados, até o total de três milhões de sacas; 5.º — O Brasil se absterá de qualquer ação "capaz de incentivar a retirada dos cafés do mercado"; 5.º — o acórdo vigorará até 31 de Março de 1947, ou antes, se o café fôr retirado do regime de controle de preços nos Estados Unidos.

#### **A MANTEIGA**

O delegado de Economia Popular forneceu à imprensa a seguinte nota:

"Tendo chegado ao meu conhecimento que as autorizações por mim fornecidas, de acórdo com o presidente da Comissão Central de Preços, para a venda de manteiga pelo comércio varejista ao preço de vinte e dois cruzeiros o quilo, até a publicação da nova tabela oficial de preços, estão dando margem a explorações, cujo objetivo é intentar uma campanha desmoralizadora contra a Delegacia de Economia Popular, torno públi-

co que o preço acima mencionado visa não interromper o consumo daquele produto nesta Capital, uma vez que está sendo adquirido aos produtores pelos preços de dezenove cruzeiros e cinquenta centavos e vinte cruzeiros o quilo.

A situação referente à venda da manteiga ficará definitivamente normalizada dentro de mais alguns dias, quando da publicação da nova tabela oficial”.

### **IMPORTAÇÃO DE GENEROS DE PRIMEIRA NECESSIDADE**

Assinou o Presidente da República um decreto-lei alterando o art. 1.º do decreto-lei n. 9.598, de 16 de Agosto, o qual passa a ter a seguinte redação: “Fica suspensa até 31 de Dezembro de 1946 a cobrança dos direitos de importação para o consumo e demais taxas aduaneiras, inclusive a de previdência social, que incidem sobre os gêneros de primeira necessidade.”

### **A RAPADURA E AS VENDAS E CONSIGNAÇÕES**

Em virtude da atuação do Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, representante da classe rural no Conselho Federal de Comércio Exterior, acaba o ministro da Justiça de comunicar àquele Conselho haver expedido aos interventores nos Estados o seguinte officio: “Sr. Interventor. — Em virtude de proposta da Comissão de Estudos dos Negócios Estaduais, tenho a honra de encarecer a V. Ex. a observância da norma, a seguir transcrita, contida na letra “f” da Resolução do Conselho Federal de Comércio Exterior, sobre a política de produção açucareira no país, aprovada pelo Presidente da República em 7 de Junho: “O impôsto de vendas e consignações devido pelos engenhos que fabricam rapadura deverá ser calculado, para cobrança, levando-se em conta a capacidade de produção respectiva e não através de escrita, que nem sempre êsses engenhos podem manter regularmente”.

### **SEMENTES DE SOJA**

A Sociedade Nacional de Agricultura está distribuindo gratuitamente sementes de soja.

Os pedidos deverão ser encaminhados para a avenida Franklin Roosevelt n. 115, 6.º andar, Esplanada do Castelo.

### **INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL NA ALEMANHA**

Vai ser instalado na Westphalia um centro de inseminação artificial, que tem por objectivo melhorar a situação relativa aos latifúndios na Alemanha. Ao que se espera, serão postas à disposição dos fazendeiros tôdas as facilidades para a inseminação artificial do gado, a partir de 1.º de outubro. Pretende-se alistar 700 fazendeiros, os quais contribuirão com 5 marcos cada um para custeio do plano. Os touros que evidenciarem melhores qualidades de reprodução serão estabulados no centro a ser instalado. Calcula-se que o plano exigirá 25 mil marcos no primeiro ano.

### **A CONFERÊNCIA DA BORRACHA**

Encerrou-se a 9 de Agosto, sob a presidência do Ministro da agricultura a Conferência Nacional da Borracha, com a presença de representantes de órgãos oficiais, produtores e industriais daquele produto.

Apreciando as conclusões da reunião, o Ministro Gastão Vidigal louvou o esforço das comissões e declarou que tôdas as sugestões apresentadas pelas classes interessadas serão entregues imediatamente ao Presidente da República, para que sejam tomadas as providências que o govêrno tem em vista para atender às necessidades da Amazônia.

Falou em nome das delegações de industriais o Sr. Carlos Eduardo Azevedo, que saudou os convencionais presentes e agradeceu o apôio do Ministro da Fazenda. Em seguida, discursou o Sr. Hannibal Porto, relator da 4a. Comissão de Assistência Médico-Social da Reunião. Proferiu, também, o Sr. João Botelho, que se achava ladeado por outros membros da Assembléia Constituinte, ligeiro discurso de congratulações com o Ministro da Fazenda pelo êxito da reunião.

Falou, por último, o Sr. Firmo Dutra, presidente do Banco de Crédito da Borracha, encerrando, em seguida, o ministro Gastão Vidigal a sessão, com palavras elogiosas ao trabalho realizado.

# ESCOLA DE HORTICULTURA WENCESLÃO BELLO

Mantida pela Sociedade Nacional  
de Agricultura em substituição ao

“Aprendizado Agrícola Wenceslão Bello”

**Cursos de Horticultura, Hortelão, Fruticultor, Jar-  
dineiro, e outros, avulsos, especializados.**

Ensino gratuito, em regime de internato, de pre-  
ferência para os filhos de agricultores.

**RECONHECIDA E FISCALIZADA PELO  
GOVERNO FEDERAL**

**Penha, Estrada de Ferro Leopoldina, Distrito Federal**

# Companhia Industrial Conservas Del Rio

**CONSERVAS DE FRUTAS**

**SUCO DE FRUTAS e GELEÍAS**

Fábrica:

NOVA IGUASSÚ  
Estado do Rio  
de Janeiro

Depósito:

R. Livramento, 115 - A  
Distrito Federal

Escritório:

PRAÇA MAUÁ N. 7  
17. and. - Sala 1721  
Ed. d'A Noite

# S/A INDÚSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO

SÃO PAULO

CAPITAL : Cr\$ 500.000.000,00

## AGENTES GERAIS DE :

S/A Industrias Matarazzo do Paraná — Soc. Paulista de Navegação Matarazzo Ltda. — Fazenda Amália-Conde Francisco Matarazzo — Armazens Gerais Matarazzo — S/A Indústria de Seda Nacional — S/A Tecelagem Brasileira de Seda — S/A Fiação e Tecelagem Santa Celina — Industrias Matarazzo de Energia S/A (IME) — Salina São Paulo S/A.

## ATIVIDADE GERAL:

SÃO PAULO: Moinho de Trigo — Fábrica de Massas Alimentícias "Petybon" — Moinho de Fubá — Fiação, Tecelagem, Tinturaria e Cascamifício "Mariangela" — Fiação, Tecelagem, e Estamparia "Belenzinho" — Fiação e Tecelagem "Santa Celina" — Tecelagem, Tinturaria e Estamparia de Sedas — Manufatura de Fitas de Seda — Secção Produtos Químicos Especiais para Textéis — Fábrica de Fios de Rayon — Fábrica de Esponjas artificiais — Fábrica de Celulose — Fábrica de Papel e Papelão — Fábrica de Papel Transparente "Celosul" — Secção Gráfica "Celosul" — Fábrica de Sulfureto de Carbono — Fábrica de Ácidos — Fábrica de Sulfato de Alumínio — Fábrica de Desinfetantes — Moinho de Soda Cáustica — Fábrica de Óleo de Algodão — Refinação e Hidrogenação de Óleos Comestíveis Vegetais — Extração e Refinação de Óleos Vegetais — Fábrica de Sabões e Saponáceos — Fábrica de Velas — Fábrica de Sabonetes, Perfumes e Artigos de Toucador — Refinação de Açúcar — Frigorífico — Refinação de Banha — Moinho de Sal — Fábrica de Alcool de Cereais — Extração de Cafeína — Extração de Essências — Fábrica de Mentol — Extração de Caolim — Extração de Quartzo — Fábrica de Louça e Azulejos "Cláudia" — Fábrica de Artigos Sanitários "Água Branca" — Refinaria de Petróleo IME — Oficina Mecânica e Fundição — Fábrica de Giz — Fábrica de Amido — Fábrica de Pregos — Serraria e Caixotaria — CAMPINAS: Fiação de Seda Natural — Fábrica de Óleo — BAURU: Fiação de Seda Natural — Descaroçador de Algodão, Reprensagem e Armazenagem — RIO CLARO: Manufatura de Fios de Seda, Crepe e Fantasia — CATANDUVA: Descaroçador de Algodão, Reprensagem e Armazenagem — Fábrica de Óleo — MARÍLIA: Descaroçador de Algodão, Prensagem e Armazenagem — Fábrica de Óleo — JAGUARE: Prensagem e Armazenagem de Algodão — ARAÇATUBA, AVARÉ, BERNARDINO DE CAMPOS, ITAPETININGA, PRESIDENTE PRUDENTE, PRESIDENTE VENCESLAU, RIBEIRÃO PRETO, S. JOSÉ DO RIO PRETO, S. JOÃO DA BOA VISTA, TUPÁ e VOTUPORANGA: Descaroçadores de Algodão, Prensagem e Armazenagem — ARAGUARI: Engenho de Arrós — CAÇAPAVA: Engenho de Arrós — Fecularia — PERUS: Fábrica de Cal — DORIZON: Serraria e Caixotaria — JAGUARIAIVA (Paraná): Frigorífico — Refinação de Banha — ANTONINA (Paraná): Moinho de Trigo — Refinação de Açúcar — Moinho de Sal — Fábrica de Sabões — JOÃO PESSÓA (Paraíba do Norte): Fábrica de Óleo de Algodão — Refinação de Óleos Comestíveis Vegetais — Fábrica de Sabões — MACAU (Rio Grande do Norte): Salina.

Almoxarifados e depósitos vários

Fróta Mercante — Locomotivas — Vagões

## FILIAIS E AGENCIAS :

Em tôdas as principais cidades do Brasil — No estrangeiro: Agentes em New York, Buenos Aires, Hamburgo, Gênova, Milão, Londres, Trondhjem, etc.

DIREÇÃO GERAL :

PRÊMIO CONDE MATARAZZO

SÃO PAULO